



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO
COLEGIADO DE GEOGRAFIA
PERÍODO 2021.1**

VALÉRIA CUNHA RODRIGUES

**CULTURAS TRADICIONAIS, GEOGRAFIA DO ENVELHECIMENTO E A PERDA
DAS TRADIÇÕES NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE SÃO TOMÉ:
Perspectivas a partir dos velhos moradores.**

**SENHOR DO BONFIM – BA
2022**

VALÉRIA CUNHA RODRIGUES

**CULTURAS TRADICIONAIS, GEOGRAFIA DO ENVELHECIMENTO E A PERDA
DAS TRADIÇÕES NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE SÃO TOMÉ:
Perspectivas a partir dos velhos moradores.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Universidade Federal do Vale do São Francisco -
UNIVASF, Campus Senhor do Bonfim-BA, como
requisito para obtenção do título de Licenciada em
Geografia

Orientador: Prof. Dr. Pedro Ricardo da Cunha
Nóbrega.

**SENHOR DO BONFIM – BA
2022**

Rodrigues, Valéria Cunha
R696c Culturas tradicionais, geografia do envelhecimento e a perda das tradições na comunidade quilombola de São Tomé: perspectivas a partir dos velhos moradores./ Valéria Cunha Rodrigues. – Senhor do Bonfim-BA, 2022.
60 f.: il.; 29 cm

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Geografia) - Universidade Federal do Vale do São Francisco, Campus Senhor do Bonfim-Ba, Senhor do Bonfim-Ba, 2022.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Ricardo da Cunha Nóbrega.

1. São Tomé-Ba - Cultura tradicional - Estudo 2. Geografia do Envelhecimento – Análise. 3. Comunidade quilombola de São Tomé. I. Título. II. Nóbrega, Pedro Ricardo da Cunha (Orient.). III. Universidade Federal do Vale do São Francisco.

CDD 306.4098142

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Integrado de Biblioteca SIBI/UNIVASF

Bibliotecário: Fábio Santiago

CRB5/1785

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO CURSO
DE GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

FOLHA DE APROVAÇÃO

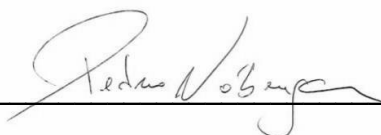
Valéria Cunha Rodrigues

Culturas Tradicionais, Geografia do Envelhecimento e a perda das tradições na comunidade Quilombola de São Tomé: Perspectivas a partir dos velhos moradores.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Geografia, pela Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF.

Aprovado em: 06 de abril de 2022.

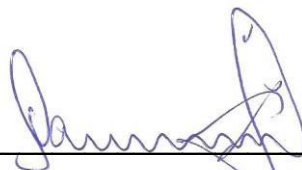
Banca Examinadora



Prof. Dr. Pedro Ricardo da Cunha Nóbrega, CGEO - UNIVASF (Orientador)



Profa. Msc. Lúcia Fabiana da Silva (SME de Morro do Chapéu, BA)



Profa. Dr. Marco Aurélio Rodrigues (CGEO - UNIVASF)

“Eu disse essas coisas para que em mim vocês tenham paz. Neste mundo vocês terão aflição; contudo, tenham ânimo! Eu venci o mundo”.

(João 16:33)

Dedico este trabalho aos meus pais Selma e Valdemar por serem abaixo de Deus o meu tudo. Ao meu irmão Vanilson pela parceria de sempre e aos meus avós, em especial vó Belanisia, meu exemplo de fé e amor.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pois sem Ele nada disso se concretizaria em minha vida. Lembro dos dias em que sonhei com a conquista da então distante aprovação em uma universidade pública e Ele perfeito que é não só realizou esse sonho como também se fez presente em cada detalhe do início ao fim. Por isso e por tudo sempre, minha mais sincera e eterna gratidão.

A minha família que sempre me apoiou, ajudou e acreditou nos meus sonhos, em especial a minha mãe que naquele ENEM de 2015 depositou mais fé em mim que eu mesma e por todos os momentos prostrada de joelhos em oração, cheguei até aqui.

Aos anjos que o senhor me enviou e que me ajudaram de tal maneira que essas linhas são insuficientes para demonstrar o quão sou grata por tudo. Dentre eles, agradeço a Paty, Michele, dona Julieta e toda sua família por terem sido tão bons comigo, sobretudo, no início dessa trajetória. Minha gratidão também aos meus companheiros Natan e Vani por terem sido protetores e me acompanharem durante tantos anos até minha casa.

Aos meus colegas de turma pelo carinho, respeito, amor e união que construímos nessa caminhada.

As minhas parceiras Jucy, Jéssica e Deisy, com quem tive a oportunidade de dividir tantos momentos felizes, tensos e estressantes que a vida acadêmica exige. Gratidão pelos trios lindos que formamos nesses anos de curso.

Aos mestres que para além dos títulos me surpreenderam positivamente pela simplicidade, cuidado, paciência e dedicação. Obrigada por todos os conhecimentos trocados e adquiridos até aqui.

Ao meu orientador Pedro Nóbrega, que desde o início viu potencial em mim, mesmo quando eu não enxergava isso. Minha eterna gratidão, respeito e admiração. Obrigada por toda inspiração, credibilidade, paciência e orientação em tudo. Essa conquista é nossa.

A toda equipe da UNIVAS campus Senhor do Bonfim em especial aos guardas, aos motoristas, ao pessoal da biblioteca e da limpeza que sempre me trataram com respeito e afeição.

Ao psicólogo Diogo Ximenes, peça fundamental nesse finzinho de caminhada, quem me acalmou e me ajudou a encontrar um novo sentido a este projeto. Obrigada por ter sido a luzinha no fim do meu túnel.

E a todos que se fizeram presentes, me ajudando e torcendo por mim, direta ou indiretamente. Meu mais sincero e afetuoso agradecimento.

RESUMO

Enquanto fator essencial para o desenvolvimento individual e coletivo de uma sociedade, a cultura se apresentou aqui como condicionante também importante para se estudar a comunidade quilombola de São Tomé e os processos de transformações que suas tradições culturais vêm sofrendo. Sendo assim, o presente trabalho teve por objetivo identificar a partir dos velhos moradores os possíveis mecanismos que vêm contribuindo para o enfraquecimento e conseqüentemente perda das tradições culturais da referida comunidade. A pesquisa em questão adotou como método a perspectiva fenomenológica, assumindo reflexões críticas sobre a prática social, uma vez que se teve como fundamento revelar as relações dos participantes com as culturas e tradições da localidade a partir das experiências por eles vivenciadas. Do mesmo modo, os estudos apontaram para um aspecto de cunho qualitativo, tendo a entrevista semiestruturada como principal ferramenta de análise. O trabalho contou ainda com uma ampla revisão bibliográfica. Os dados obtidos revelaram o tempo como o principal contribuinte no processo de desenraizamento dos saberes e fazeres ancestrais, por ser ele uma das bases de transformações espaciais, sociais e culturais, num processo que cada vez mais aproxima sociedades distintas através dos avanços tecnológicos (apontados como um dos principais elementos que colabora ainda mais com o enfraquecimento cultural) e conseqüentemente provoca rápidas mudanças nos comportamentos humanos, por meio de influências externas.

Palavras-chave: Cultura. Tradição. Comunidade Tradicional. Velhice e Geografia do Envelhecimento.

ABSTRACT

As an essential factor for the individual and collective development of a society, culture was presented here as an important condition for studying the quilombola community of São Tomé and the processes of transformation that its cultural traditions have been undergoing. The present work aimed to identify, from the old residents, the possible mechanisms that have been contributing to the weakening and consequently loss of the cultural traditions of that community. The research in question adopted the phenomenological perspective as a method, assuming critical reflections on social practice, since it was based on revealing the participants' relationships with the cultures and traditions of the locality from their experiences. The studies pointed to a qualitative aspect, with the semi-structured interview as the main analysis tool. The work also had an extensive literature review. The data obtained revealed time as the main contributor in the process of uprooting ancestral knowledge and practices, as it is one of the bases of spatial, social and cultural transformations, in a process that increasingly brings different societies together through technological advances (indicated as one of the main elements that collaborates even more with the cultural weakening) and consequently causes rapid changes in human behavior, through external influences.

Keywords: Culture, Tradition, Traditional Community, Old Age and Geography of Aging.

LISTA DE SÍGLAS

FCP: Fundação Cultural Palmares

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

ACOMQST: Associação Comunitária Quilombola de São Tomé

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Gráfico referente ao sexo dos entrevistados.....	18
Figura 2 - Modelo metodológico realizado para a pesquisa do TCC.....	21
Figura 3 - Gráfico referente as comunidades quilombolas certificadas no estado da Bahia entre 2004 a 2019.	25
Figura 4 - Mapa do município de Campo Formoso – BA em que se pode localizar a comunidade quilombola de São Tomé	26
Figura 5- Identificação dos principais elementos da paisagem de São Tomé, formato voo de pássaro.....	27
Figura 6- Identificação dos principais elementos da paisagem de São Tomé, formato voo de pássaro.....	28
Figura 7- Imagem atual do Buraco de Noberto.	30
Figura 8- Reisado das Ciganas.....	41
Figura 9- Penitentes percorrendo as ruas da comunidade.....	42
Figura 10- Penitentes rezando na porta da igreja católica	42
Figura 11- Desfile dos vaqueiros na festa de vaquejada.....	44
Figura 12- Festejo de São João Batista na igreja católica.....	45
Figura 13- Festejo de São João na rua.	45
Figura 14- Senhoras do Conviver fazendo uma apresentação na rua.	53

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Idades com intervalos de 9 anos e a quantidade de pessoas correspondentes a cada intervalo.	19
Tabela 2- Estrutura das entrevistas.....	19

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 MÉTODO	17
3 ESPAÇOS DE RESISTÊNCIA E TRADIÇÃO: O QUILOMBO	22
3.1 SÃO TOMÉ, UMA COMUNIDADE REMANESCENTE DE QUILOMBO	24
4 CULTURA E TRADIÇÃO EM SÃO TOMÉ	31
4.1 MANIFESTAÇÕES CULTURAIS DE MAIORES DESTAQUES	40
5 A VELHICE E A GEOGRAFIA DO ENVELHECIMENTO	47
5.1 A FIGURA DO VELHO EM COMUNIDADES TRADICIONAIS	49
5.1.1 Ser velho em São Tomé	52
6 O TEMPO E A PERDA DAS TRADIÇÕES: CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
REFERÊNCIAS	57

1 INTRODUÇÃO

O sol aparece trazendo consigo o amanhecer, os pássaros a cantarolar; a rotina ocorre como o planejado ou não, e assim os sinais de mais um dia concluído se confirma pelo cheiro do café. Tudo parece igual e ao mesmo tempo diferente. Os comportamentos fazem revelar o confronto entre o passado e o presente. O que restou? Qual herança se firmou? Ah, mas passado é passado! E não seria o passado a essência do presente? Assim, a tradição cultural perdida em meio a modernidade, busca se reencontrar, se reinventar, para manter vivo no hoje o valor do que foi deixado no ontem.

Os grupos sociais são compostos por um conjunto de hábitos e costumes próprios e que são desenvolvidos ao longo do tempo em meio à convivência coletiva, a este processo dar-se o nome de cultura e através da construção cultural do mundo, ao longo do tempo histórico, é possível identificar comportamentos consolidados que definem uma tradição. Neste sentido, a tradição integra e faz revelar a cultura por meio de ações criadas e manifestadas de forma contínua por um grupo em comum. Sendo assim, a cultura tradicional carrega valores e histórias ancestrais inerentes à sociedade, tendo o velho como peça-chave para sua manutenção e continuidade, fazendo com que no presente os velhos se constituam como uma fonte de saber e de acompanhamento dos valores e tradições culturais.

A pesquisa em questão nasceu da necessidade de se pensar os processos sociais de transformação e, principalmente, de perda que vem assolando as culturas tradicionais. Neste estudo em especial, percebe-se que a comunidade quilombola de São Tomé (que sempre tivera nos aparatos culturais o referencial de valor, respeito e exemplo) materializa as vertentes deste processo, à medida que os detentores de tais conhecimentos vêm envelhecendo e não se vê interesse da juventude em dá continuidade aos trabalhos, o que impõe um esvaziamento da aplicabilidade destes conhecimentos e valores na prática (no cotidiano da comunidade). O desdobramento disto é a desconstrução do tradicional cultural da comunidade e um distanciamento das práticas sociais atuais com aquelas realizadas no seu passado, constituindo aquilo que estamos denominando de perda dos valores tradicionais.

Esta condição levantou reflexões sobre os valores construídos ao logo de um processo histórico que legitima um conjunto de práticas culturais, que necessariamente se materializam no espaço, e, que por excelência encontram nos

sujeitos velhos densidade antropológica e social para se perpetuar por gerações através da transferência do *know how*¹. Mas se estes sujeitos velhos estão perdendo representação e importância em suas comunidades, como esses conhecimentos acumulados serão transmitidos? Se há uma espécie de estranhamento da juventude diante dos valores culturais, como eles irão reproduzir as tradições e construir novos pertencimentos?

É preocupante o fato de que a perda substancial destes valores venha implicar na desmobilização de grupos sociais e no desmantelamento da materialização da cultura tradicional, causando desenraizamento das tradições. Isso implica em aferir que a geografia da comunidade está passando por transformações de grande proporção, alterando a produção social do espaço. Há na questão apresentada anteriormente uma forte vinculação entre a cultura ancestral, a condição da velhice, a condição da juventude e os sentidos da reprodução geográfica do espaço materializada através das práticas sociais desempenhadas na comunidade de São Tomé, o que fez com que a pesquisa se apresentasse como urgência em ser realizada, enquanto ainda é possível resgatar, através dos velhos vivos, elementos para que a tradição não se perca de forma irreparável.

Sendo assim, o presente trabalho teve por objetivo identificar a partir dos velhos moradores os possíveis mecanismos que vêm contribuindo para o enfraquecimento e conseqüentemente perda das tradições culturais da comunidade quilombola de São Tomé, a fim de responder o questionamento que norteou esta pesquisa, o qual esteve pautado em saber: Porque as tradições culturais de São Tomé vêm perdendo força e espaço ao longo do tempo?

Para isso, foi trabalhado no decorrer deste material questões e embasamentos teóricos, que ajudaram a fundamentar o texto bem como dados coletados em campo que ampliaram as discussões. Deste modo, a pesquisa foi dividida em quatro principais momentos: o primeiro deles apresentou o quilombo como espaço de resistência e tradição, em que foram discutidos pontos referentes a história do quilombo e conseqüentemente de seus descendentes, a fim de emergir a própria história cultural de São Tomé enquanto comunidade remanescente de quilombo; o segundo destacou as culturas e tradições locais, trazendo o enfoque

¹ O conceito de Know how foi utilizado nesta pesquisa no sentido empregado por Claval (2014) em que se tem como base os processos sociais de transferência intergeracional de conhecimentos e tradições populares, mantidos de forma oral dos mais velhos para os mais jovens.

para as principais manifestações culturais da localidade de São Tomé; o terceiro trouxe a geografia do envelhecimento como caminho para entender a velhice, uma vez que são os velhos os principais condutores das narrativas aqui presentes e detentores dos conhecimentos ancestrais, destacando o contexto tradicional em especial da própria comunidade estudada e por fim o quarto momento apontou o tempo e a perda das tradições culturais como fechamento do trabalho, a partir das considerações finais.

2 MÉTODO

Enquanto fio condutor de uma pesquisa, o método pode ser entendido como o caminho que leva à reflexão e na ciência geográfica é ele quem possibilitará se pensar de forma coesa e coerente a produção do espaço. Dependendo do método, um mesmo objeto pode ser refletido por vários vieses e tomar caminhos distintos. Dessa forma, a partir do método a Geografia, bem como outras ciências, consegue estabelecer uma melhor abordagem no que diz respeito à maneira de pensar a produção espacial (SUESS; LEITE, 2018).

Nessa perspectiva, o método adotado para a realização deste material apresentou dimensões fenomenológicas, uma vez que as análises fizeram revelar as relações dos participantes com as tradições e culturas de São Tomé a partir das experiências vivenciadas por eles ao longo de suas vidas na comunidade. E estas reflexões conduzidas a partir da fenomenologia foram analisadas de forma crítica, problematizando as descobertas com o contexto social e suas implicações.

De acordo com Merleau-Ponty (1999, p.1):

A fenomenologia é o estudo das essências, e todos os problemas, segundo ele, resumem-se em definir essências: a essência da percepção, a essência da consciência, por exemplo [sic]. é também uma filosofia que repõe as essências na existência, e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra maneira senão a partir de sua "facticidade".

Para além disso Suess e Leite (2018, p.150) vão dizer que:

[...] a fenomenologia tem como perspectiva a crítica as “verdades” consagradas pela ciência racionalista, no qual por meio dela se pode almejar outras formas de conhecer o mundo. Deste modo, por meio do método fenomenológico, considera-se o imaginário dos sujeitos, as fantasias, as representações, as percepções, o vivido e o experimentado. Realiza-se uma leitura apurada do espaço para além do físico natural. Nesse sentido, eis que surge a preocupação na Geografia de colocar o sujeito, seus anseios, percepções, sentimentos, experiência vivida em destaque. Assim, a aproximação da Geografia com a fenomenologia busca a valorização do ser humano e sua experiência espacial.

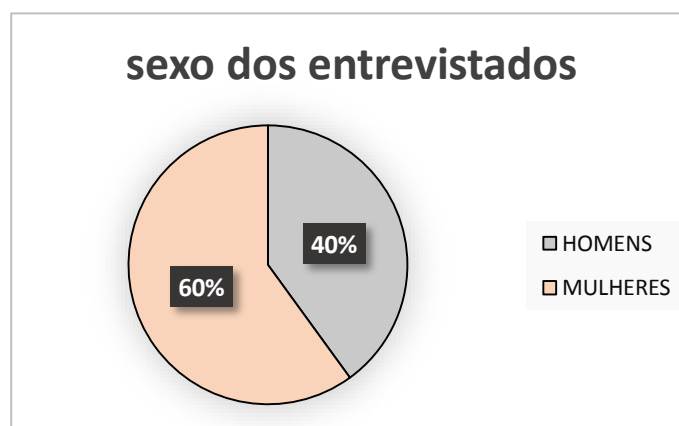
Do mesmo modo, os estudos apontaram para um aspecto de cunho qualitativo que segundo Silva e Mendes (2013, p.207) é uma abordagem que

“baseia-se na compreensão e na interpretação dos fenômenos a partir de suas representações, crenças, opiniões, percepções, atitudes e valores. Nela, há uma relação dinâmica e interdependente entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa”.

Como principal ferramenta de análise, utilizou-se a entrevista semiestruturada, que consiste em um roteiro previamente elaborado, porém flexível, contendo informações de contexto social, econômico e cultural, em que o entrevistador participa de forma ativa e tem a liberdade de acrescentar perguntas ao tempo que o diálogo acontece (SILVA; MENDES, 2013, p.214 – 215).

Diante disso, as entrevistas foram pensadas e estruturadas sob as perspectivas dos velhos moradores de São Tomé, por serem eles os detentores dos saberes ancestrais, a fim de obter dados por meios de suas falas que pudessem ajudar a fundamentar o trabalho e entender as transformações e prováveis perdas em torno das culturas e tradições locais. Portanto, a escolha da amostra teve com pré-requisitos a idade dos sujeitos (com 60 anos ou mais) e suas relações com as tradições culturais da localidade, contando assim com a participação de 15 velhos. Dentre os sujeitos entrevistados 9 eram do sexo feminino (60%) enquanto 6 eram do sexo masculino (40%) (Ver Figura 1). A maioria dos participantes apresentavam idades entre 60 e 69, sendo 8 deles, enquanto 5 tinham idade entre 70 e 79 e apenas 2 entre 80 e 89 anos (Ver Tabela 1).

Figura 1- Gráfico referente ao sexo dos entrevistados



Fonte: A autora (2022).

Tabela 1- Idades com intervalos de 9 anos e a quantidade de pessoas correspondentes a cada intervalo.

IDADE	QUANTIDADE
60 - 69	8
70 - 79	5
80 - 89	2

Fonte: A autora (2022).

As perguntas das entrevistas foram pautadas em dois focos centrais: A velhice em São Tomé e as culturas e manifestações culturais da comunidade, que somadas no final resultaram em 11 questões (sem a ficha de identificação). De modo específico, as entrevistas foram estruturadas da seguinte forma (Ver Tabela 2):

Tabela 2- Estrutura das entrevistas

QUESITOS	PERGUNTAS
<p>Quesito 1: Ser velho em São Tomé</p>	<p>a) O senhor (a) se sente acolhido na comunidade?</p> <p>b) Como os idosos são tratados aqui?</p> <p>c) O senhor (a) sofre ou já sofreu algum tipo de preconceito? Tem a ver com a idade?</p> <p>d) O senhor (a) exerce alguma atividade na comunidade? Participa de algum grupo?</p>
<p>Quesito 2: Cultura e manifestações culturais:</p>	<p>e) Como era a cultura de São Tomé na sua infância e juventude ou quando chegou aqui? Quais eram as festividades e tradições locais?</p> <p>f) Como esses valores culturais eram transmitidos?</p> <p>g) O que sobrou dessa cultura?</p> <p>h) Qual o papel da família nessa transmissão cultural?</p>

	<p>i) Como era as rodas de conversa com a família e a comunidade? Havia lugares de encontro? Sobre o que se conversava antes que não se conversa mais?</p> <p>j) O senhor (a) participa ou já participou ativamente de alguma manifestação cultural da comunidade? Se sim, qual? Me conte um pouco sobre a importância dessa atividade para o senhor(a).</p> <p>k) Como o senhor (a) percebe a participação dos jovens nessas manifestações hoje em dia?</p>
--	--

Fonte: A autora (2022).

Vale ressaltar que o uso da palavra idoso foi trazido nas entrevistas como forma de evitar constrangimento por parte dos colaboradores, uma vez que o uso da palavra velho ainda é visto como problemática, sobretudo, por quem vive a velhice.

As aplicações das entrevistas ocorreram entre os dias 07 e 16 de setembro de 2021, sendo a maioria delas realizadas no período da tarde, das 16:00 h às 18:00 h, horário que se apresentou mais propício para os diálogos, pois nem era cedo demais para pegar o descanso e afazeres pós almoço e nem tarde demais para atrapalhar as novelas. Elas foram gravadas, mediante autorização e ocorreram ora nas salas das casas, ora nas calçadas dos participantes. O período curto da coleta de dados se justifica por questões como a pandemia, a aceitação e disponibilidade dos participantes, bem como também o deslocamento da pesquisadora que atualmente reside em um outro local. Ainda assim, foi possível diante de tais limitações, realizar um bom trabalho.

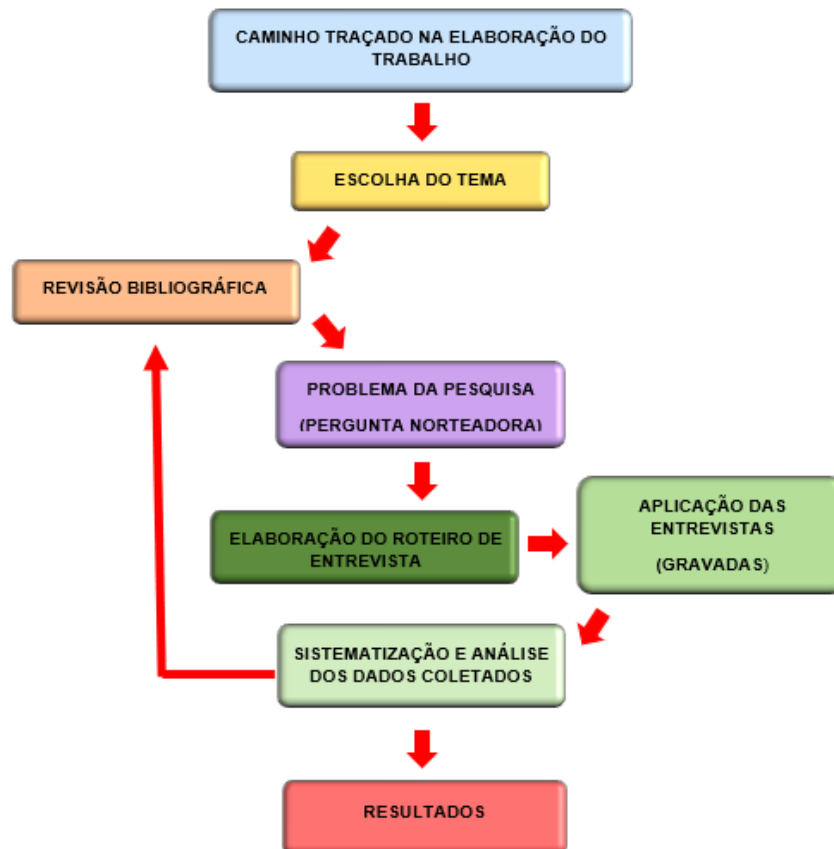
Os dados coletados foram analisados sob o viés da análise qualitativa, “que se caracteriza por ser um processo indutivo que tem como foco a fidelidade ao universo de vida cotidiana dos sujeitos, estando baseada nos mesmos pressupostos da chamada pesquisa qualitativa” (ALVES; SILVA, 1992, p.61).

Antes e depois da realização das entrevistas, esta pesquisa contou também com uma profunda revisão bibliográfica acerca de temáticas como cultura e tradição, – tendo Claval (2007) e Maia (2001) como principais referências – sobretudo, num contexto quilombola, o envelhecimento humano, a geografia do envelhecimento –

trazendo trabalhos como os de Nóbrega (2013; 2017) – e uma série de questões que perpassam o tema.

De modo geral, os passos para a elaboração do presente trabalho foram sistematizados da seguinte forma (Ver Figura 2):

Figura 2 - Modelo metodológico realizado para a pesquisa do TCC.



Fonte: A autora (2022).

3 ESPAÇOS DE RESISTÊNCIA E TRADIÇÃO: O QUILOMBO

Quando se fala em quilombos não há como negar a importância marcante que estes tiveram e têm na história do Brasil, incontestavelmente o fenômeno quilombo se tornou um significativo elemento na trajetória histórica do Brasil. Eles se constituíram e se constituem em espaços de resistência, antes à escravidão, e agora como espaços de resistência cultural (SILVA; SILVA, 2015).

Ao voltar-se a origem da palavra quilombo, muitos autores vão concordar que esta vem da África, sendo especificamente originária dos povos bantos. De acordo com Leite (2000, apud LOPES; SIQUEIRA; NASCIMENTO, 1987), quilombo quer dizer acampamento guerreiro na floresta podendo também ser entendido como uma divisão administrativa.

Vale salientar que, no Brasil, os quilombos têm seu início ainda na época colonial com a escravidão, sobretudo, de negros vindos da África e se caracterizam a partir do surgimento de comunidades de fugitivos (também conhecidos como mucambos, ladeiras e magotes). Segundo Carneiro (1958) é perceptível a similaridade entre as estruturas organizacionais dos quilombos brasileiros com os tipos de organização social dominante nos Estados africanos e ao que tudo indica, tal similaridade em grande parte se deve aos escravizados recém-chegados da África, e não aos nascidos e criados no Brasil. Munanga (1996, p.63) escreve que:

[...] o quilombo brasileiro é, sem dúvida, uma cópia do quilombo africano reconstruído pelos escravizados para se opor a uma estrutura escravocrata, pela implantação de uma outra estrutura política na qual se encontraram todos os oprimidos. Escravizados, revoltados, organizaram-se para fugir das senzalas e das plantações e ocuparam partes de territórios brasileiros não-povoados, geralmente de acesso difícil. Imitando o modelo africano, eles transformaram esses territórios em espécie de campos de iniciação à resistência, campos esses abertos a todos os oprimidos da sociedade (negros, índios e brancos), prefigurando um modelo de democracia plurirracial que o Brasil ainda está a buscar.

De longe, o quilombo dos Palmares foi a maior e mais duradoura comunidade quilombola do Brasil. Apesar das tentativas de eliminá-lo, feita não só pelos governos coloniais holandeses e portugueses, como também pelos moradores locais das capitanias vizinhas, Palmares sobreviveu ao longo de quase todo o século XVII. Sua suposta grandeza populacional (de mais de 20.000 habitantes), longevidade e

constante contato com a sociedade colonial, permitiu hoje ter-se mais conhecimento de sua estrutura interna que a maioria dos mucambos (SCHWARTZ, 1987).

Nesse sentido, o quilombo brasileiro é por assim dizer uma consequência de uma vida da qual muitos negros africanos foram submetidos obrigatoriamente. A entrada desses sujeitos nesse país se deu de forma brutal e desumana, não é desconhecido tal fato histórico. Silva e Silva (2015, p.193) discorrem de forma explicativa em seu trabalho “*Quilombos Brasileiros: alguns aspectos da trajetória do negro no Brasil*” o processo por trás da diáspora do povo africano no Brasil colônia e império:

A diáspora dos africanos para o novo mundo deu-se de forma forçada, sendo capturados em diversos locais do continente africano, os negros eram arrancados de suas casas, famílias, transportados em navios, em condições subumanas, numa viagem sem volta e levados para terras distantes, vendidos e obrigados a executar toda espécie de atividade no cativeiro. A condição de escravo era repassada aos seus descendentes e perpassou pelo Brasil Colônia e Império. Estavam presentes no campo e nas cidades, desenvolvendo trabalhos forçados nos engenhos, minas, lavouras, agricultura de subsistência, criação de gado, produção do charque, comércio, nos ofícios manuais e serviços domésticos.

A resistência se apresenta como solução para as opressões e violências que sofriam. Portanto, resistir significava não se conformar nem aceitar a vida da qual lhes foi imposta, dessa forma, muitos negros afrontavam e procuravam refúgio nos quilombos, espaços em que podiam se proteger e recomeçar.

Apesar de o conceito quilombo ao longo do Brasil colonial ser entendido a partir da criação de comunidades advindas de fugas, é preciso ter em mente que os territórios de comunidades negras não surgiram exclusivamente desse contexto, existiram exceções, como alguns exemplos que Malcher (2009, p.6) expôs em seu trabalho:

[...] algumas comunidades se formaram através de doações de terras realizadas a partir da desagregação da lavoura de monoculturas, como a cana-de-açúcar e o algodão; da compra de terras pelos próprios “escravos”, possibilitados pela desestruturação do sistema escravista; bem como de terras que foram conquistadas pelos negros pela prestação de serviço de guerra, lutando contra insurreições ao lado de tropas oficiais.

Santos et al. (2019) afirmam ainda que no século XIX os quilombos passam a ser espaços não somente de negros fugitivos, como já exposto anteriormente, mas também se tornaram refúgios para os negros livres que ao se depararem com a liberdade e a busca por aceitação se viam desorientados e não sabiam para onde ir. Assim, novas comunidades quilombolas foram se formando em todos os estados brasileiros (com exceção de Roraima e Acre).

Ainda na visão de Malcher (2009, p.9) os territórios quilombolas podem então ser entendidos como “resultante de elementos étnicos que se externalizam nas relações construída com e no território. Trata-se da reinvenção de elementos étnicos-culturais que conduzem a vida e dão sentido de pertencimento ao lugar”.

Hoje, muitas comunidades se mantêm a partir de seus descendentes e são reconhecidas como remanescentes de quilombos. A essas novas gerações ficaram as missões de dar continuidade às tradições, saberes e fazeres que seus antepassados deixaram, de modo a construírem e reconstruírem no dia a dia das comunidades esse sentimento de pertencimento.

3.1 SÃO TOMÉ, UMA COMUNIDADE REMANESCENTE DE QUILOMBO

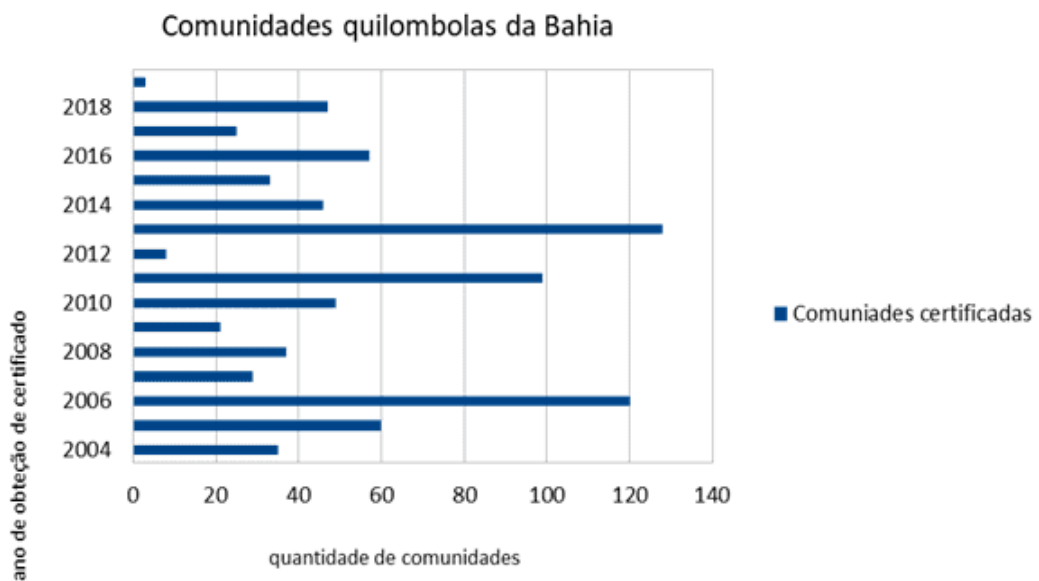
A garantia da terra e dos direitos para aqueles que descendem dos quilombos só foi possível efetivamente com a materialidade do art. 68 da Constituição Federal (BRASIL, 1988), no qual “aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos”. Nesse cenário surge então a Fundação Cultural Palmares (FCP), uma instituição pública criada com o intuito de promover e preservar os valores culturais, históricos, sociais e econômicos resultantes da influência negra na formação social do Brasil (FCP, 2022).

Conforme o § 4º do art. 3º do Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003 (BRASIL, 2003) é designado à FCP “a competência pela emissão de certidão às comunidades quilombolas e sua inscrição em cadastro geral”. De acordo com dados registrados pela fundação, até o presente momento já foram certificadas 3.271 comunidades quilombolas. Vale ressaltar que a certificação é o primeiro passo a ser tomado para garantir a titulação da terra. (FCP, 2022).

Em um contexto estadual, a Bahia (Estado onde se localiza a comunidade de São Tomé) ocupa o topo entre os estados com maiores números de comunidades

quilombolas certificados. Segundo Santos et al. (2019) até o ano de 2019 o estado baiano detinha um total de 797 comunidades reconhecidas. Os autores revelam, no gráfico abaixo – Figura 3 – (produzido a partir de dados da FCP) a trajetória do estado da Bahia no processo de certificação das comunidades remanescente de quilombo entre 2004 e 2019.

Figura 3 - Gráfico referente as comunidades quilombolas certificadas no estado da Bahia entre 2004 a 2019.



Fonte: Santos et al. (2019).

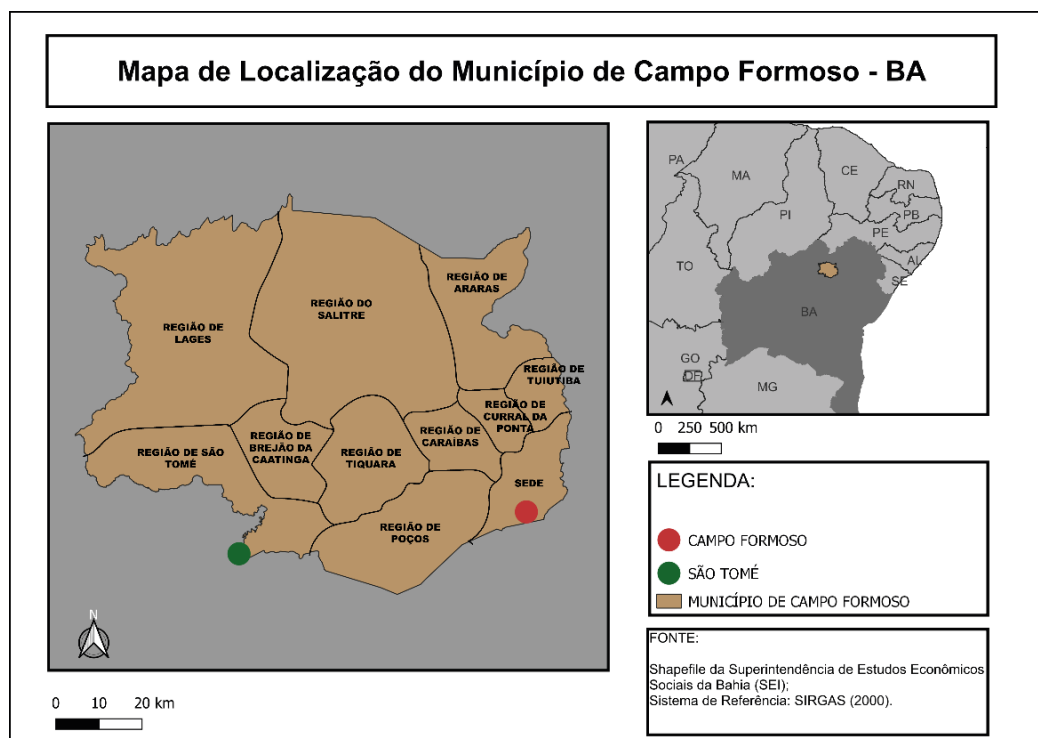
Nitidamente os anos de 2006 e 2013 foram os que mais tiveram comunidades reconhecidas na Bahia. Só em 2006 foram certificadas 120 comunidades no estado, um valor superado em 2013 com o reconhecimento de 128 comunidades remanescente de quilombolas (SANTOS ET AL., 2019). É exatamente nesse período crescente de 2006 que São Tomé consegue seu certificado pelo FCP, como afirma Santos (2011, p.6):

Diante de alguns aspectos históricos e visualizando os traços negros da comunidade, havia uma constatação de que o povoado de São Tomé é comunidade remanescente de quilombos, porém o reconhecimento formal da comunidade só foi proposto em 2006, no auge das políticas públicas para as comunidades remanescentes lideradas pelo governo federal juntamente com a criação da Associação Comunitária Quilombola do Povoado de São Tomé.

Em seu texto, Santos (2011) ainda declara que São Tomé garante o reconhecimento enquanto comunidade quilombola a partir da constatação de seus aspectos históricos e a visualização de traços negros na localidade. De acordo com o art. 2º do Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003 (BRASIL, 2003), são considerados comunidades remanescentes de quilombos “[...] os grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto-atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida”. Nessa perspectiva, faz-se necessário entender os processos históricos que contribuíram para que hoje São Tomé se tornasse uma comunidade reconhecida como remanescente de quilombo.

É pertinente destacar que São Tomé está inserido no município de Campo Formoso - BA, sua distância até a sede é de aproximadamente 83 km. Até os últimos dados aferidos pelo censo mais recente feito pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), o município contava com uma estimativa de 66.616 habitantes e uma densidade demográfica correspondente a 9,18 habitantes por km² num território de extensão de 7.161,827 km² (Ver Figura 4).

Figura 4 - Mapa do município de Campo Formoso – BA em que se pode localizar a comunidade quilombola de São Tomé



Fonte: Adaptado do SEI e SIRGAS (2000) por Natanael Batista (2022).

A comunidade conta com cerca de 800 famílias (Segundo pesquisas feitas pela ACOMQST), que sobrevivem em sua maioria da agricultura irrigada e do sisal (AMORIM, 2021). Há, porém também, famílias que têm como fonte de renda cargos públicos, comércio e a aposentadoria. No que se refere a produção agrícola, São Tomé e suas redondezas contam com uma grande variedade de produtos, que são cultivados tanto por meio de irrigação como nas roças periodicamente. Dentre as agriculturas irrigadas estão a cebola, o tomate, o pimentão, a melancia entre outros e nos períodos chuvosos a melancia, o maxixi, o feijão de corda... (AMORIM, 2021).

Atualmente São Tomé disponibiliza de quatro escolas: A Creche Municipal Maria Rodrigues Monteiro, a Escola Municipal Nossa Senhora do Perpétuo Socorro (Fundamental I), Colégio Municipal Davino Carneiro (Fundamental II) e Colégio Estadual Quilombola de São Tomé (Ensino médio) sendo esse último uma conquista da Associação Comunitária Quilombola de São Tomé (ACOMQST) e local onde também funciona a faculdade em dias de aula. Além da ACOMQST existem mais quatro associações. A comunidade conta ainda com cinco igrejas cristãs (Igreja Católica, Assembleia de Deus, Presbiteriana, Congregação Cristã no Brasil e Testemunha de Jeová), um posto de saúde, três farmácias, vários mercadinhos, sendo os maiores deles: RH Merceria e o Smart Cerealista Elibahia, dois postos de gasolina, um campo de futebol para lazer, dentre outras coisas (Ver Figuras 5 e 6).

Figura 5- Identificação dos principais elementos da paisagem de São Tomé, formato voo de pássaro



Fonte: WA Engenharia Topografia e Geodésia (2017) adaptado pela Autora (2022).

Figura 6- Identificação dos principais elementos da paisagem de São Tomé, formato voo de pássaro.



Fonte: WA Engenharia Topografia e Geodésia (2017) adaptado pela Autora (2022).

Salienta-se que a história de um lugar quando não é registrada fica apenas na memória daqueles que a viveu ou ouviu falar. Na busca para se fazer manifestar estas histórias, Santos (2008), assim como o presente trabalho, recorreu aos anciões moradores de São Tomé, pois, como enfatiza Bosi (1994), são os sujeitos velhos a fonte da essência cultural; é neles que o passado é conservado e o presente preparado. Os velhos moradores revelaram que a comunidade teria surgido em meados de 1870 quando um homem de nome Tomé chegou a essas terras, após resistir e se libertar de uma fazenda de engenho (SANTOS, 2008).

Vale ressaltar que o local apresentava potencialidades para um bom esconderijo; havia uma mata escura, com animais ferozes (como a onça pintada) e por onde passava um rio, o que dificultava a entrada de pessoas que não conheciam a região.

Ainda segundo Santos (2008), Tomé, o suposto fundador da comunidade, apresentava características da raça negra; cor da pele preta, cabelos enrolados, lábios grossos, nariz achatado, dentes brancos e fortes. Ele se casou com Santa, de características semelhantes, o que explicaria a origem do nome da localidade. Apesar dessa junção entre Santa e Tomé trazer sentido a escolha do nome da

comunidade, Santos (2011) chama atenção ao lembrar da existência de um país no Continente Africano chamado São Tomé e Príncipe e que tal “coincidência” pode também ter grande influência na história por trazer a origem do nome da localidade e seus primeiros moradores.

Para além do enredo de como surgiu a comunidade e todos os boatos que o cerca, Santos (2011) cita ainda a existência de documentos que não só explicariam questões sobre a origem de São Tomé, como também facilitariam a validação da titulação de suas terras, isso porque, ao que tudo indica, as terras onde hoje está instalada a comunidade faziam parte do sistema sesmarias. Entretanto, de acordo com a autora, esses documentos se perderam e desde a época que realizou a pesquisa o último paradeiro destes documentos foi identificado há mais de 20 anos (o que corresponderia mais de 30 hoje), quando, segundo relatos de alguns moradores, estes ficavam sob responsabilidade de um antigo residente da localidade que infelizmente faleceu e a localização dos documentos se tornou desconhecida.

Ao entrevistar alguns dos sujeitos velhos, identificou-se traços históricos que caracterizam bem a herança dos quilombos, uma vez que estes não só simbolizam a luta como também a resistência, sendo muitas vezes obrigados a utilizarem da violência e da brutalidade para se protegerem. Em suas palavras, a entrevistada 05, de 82 anos, revela que: *“No tempo que eu cheguei aqui, que eu me entendi como gente, aqui era brabo viu, era brabo, aqui o povo derrubava...”*. Uma outra participante, a entrevistada 02 de 73 anos, evidencia essa “brabeza” ao dizer: *“O povo de pra trás você não vinha pra aqui pra guerriar não... aqui ninguém gritava muito não, era poucas voltas. O povo falava de um buraco de Noberto, uma gruta bem ali [...] quantas pessoas não foi [sic] jogada ali, que matavam?”*.

Nesse sentido, além de chamar a atenção pela grande extensão territorial, a existência e comercialização de pedras de esmeraldas, o município de Campo Formoso – BA, é também famoso por suas grutas; em seu território está a maior gruta do Hemisfério Sul, a “Toca da Boa Vista” (CAMPO FORMOSO, 2022). Não tão conhecida quanto a “Boa Vista”, existe em São Tomé a “Toca de Mané Joaquim”. O “Buraco de Noberto” seria uma falha geológica dessa gruta que o que tudo indica serviu no passado para desovar cadáveres de possíveis importunantes. Atualmente, esse buraco se encontra no quintal de uma residência e como pode ser observado

na imagem - Figura 7- foi tampado com resto de entulhos de construção, mas com as chuvas, ele está começando a ceder.

Figura 7- Imagem atual do Buraco de Noberto.



Fonte: Josinete Oliveira (2022).

Apesar de não existirem provas documentais (e as únicas provas contundentes terem sumido) os relatos, ainda que cheios de incertezas possibilitam uma maior proximidade com a trajetória histórica de São Tomé e dá indícios da ligação que a comunidade tem com o quilombo. Nesse processo, torna-se imprescindível a colaboração dos velhos moradores, pois são eles quem ainda carregam as histórias e heranças de seus antepassados.

4 CULTURA E TRADIÇÃO EM SÃO TOMÉ.

Tendo como base as palavras de Claval (2007) é possível descrever a cultura como sendo a soma de todos os comportamentos, saberes, técnicas, conhecimentos e valores que foram acumulados pelos indivíduos ao decorrer de sua vida, individualmente e, também, coletivamente. A cultura é herança que se transmite de geração em geração. Suas raízes estão num passado distante, num território onde se encontram seus mortos enterrados e onde seus deuses se manifestam. Ainda de acordo com Claval (2007, p.89):

A cultura só existe através dos indivíduos aos quais é transmitida, e que, por sua vez, a utilizam, a enriquecem, a transformam e a difundem. Sem ela, eles estariam desamparados: o instinto não é suficiente para guiá-los. Faz-se necessário dispor de armas para a proteção e para a caça, de utensílios para produzir, habitar e se vestir. A linguagem permite que os homens se comuniquem. Suas relações só se desenvolvem a contento quando inseridas em contextos admitidos por todos. A cultura é indispensável ao indivíduo no plano de sua existência material. Ela permite sua inserção no tecido social. Dá uma significação à sua existência e à dos seres que o circundam e formam a sociedade da qual se sente membro. Ela não desempenha o mesmo papel nos diversos momentos da vida.

Ela (a cultura) se apresenta nas simples coisas, num ato que de tão comum a um povo é diariamente realizado, lapidado, transformado e disseminado imperceptivelmente, no agir, no falar, no jeito de se comportar, num modo de viver particular. Um particular que denuncia as transformações sociais e espaciais e essas transformações são claramente perceptíveis em São Tomé, sobretudo, quando o passado e o presente são confrontados e inevitavelmente comparados.

É inegável o quão a comunidade evoluiu e se desenvolveu ao longo dos anos. As condições de vida da população de São Tomé eram totalmente diferentes das de hoje; se antes não havia energia, água encanada, ruas calçadas, casas em boas condições... hoje não só tem tudo isso, como muito mais. Atualmente, a comunidade recebe água de qualidade, encanada e tratada, energia, acesso à internet, tem facilidade em resolver questões simples com bancos, pois existem correspondentes de três instituições bancárias na localidade (Banco do Brasil, Bradesco e Caixa Econômica), quase não se vê mais casas de “taipa”, muitas ruas já são calçadas e

recentemente a comunidade foi contemplada com sinal de celular, entre outras grandes conquistas.

Torna-se pertinente entender que, a modernização chegou em São Tomé e isso não ocasionou impactos somente estruturais, mas também culturais, principalmente, nas tradições locais. Segundo Maia (2001, p.91) o termo tradição pode ser compreendido primeiramente como:

[...] o ato de transmitir ou entregar; com um significado um pouco mais elaborado, a transmissão oral de fatos, lendas etc., de idade em idade, de geração em geração ou ainda enquanto conhecimento ou prática resultante de transmissão oral ou de hábitos inveterados.

Sendo a tradição esse lugar de transmissão e manutenção dos saberes e fazeres dos antepassados, há quem a enxergue como processo de estagnação e conformismo, sem espaço para mudanças. Entretanto, é preciso ressaltar que a tradição não diz respeito a um passado vivido no presente, mas lembrado enquanto fator importante para um povo. Ainda assim, por estar em movimento, ela, a tradição, não garante a permanência dos elementos ancestrais, como se pode perceber em alguns depoimentos de colaboradores desta pesquisa que trouxeram à tona tradições que raramente se veem nos dias de hoje na comunidade de São Tomé, como é o caso do ato de pedir a benção a um familiar ou uma pessoa mais velha.

De acordo com Aragão (2011, p.1) "em muitas culturas, a segurança, a proteção e o livramento do mal são garantidos pelo pedido de benção, o qual leva em conta a fé dos envolvidos no ato." Dentre os tipos de benções, existe a benção patriarcal, que faz referência aquela desenvolvida no seio familiar. Essa benção é praticada, sobretudo, nas religiões de matrizes africanas em que sua condição é direcionada ao respeito aos mais velhos (ARAGÃO, 2011). Nesse sentido, a entrevistada 02 vai dizer que: *"Antigamente os meninos dava [sic] sempre bença [sic] hoje ninguém dá mais bença [sic], não. E não vê que a bença [sic] ajuda muito as pessoa [sic] a livrar das coisas? Mas muitos não querem né?"*.

Um outro participante, o entrevistado 04 compartilha do mesmo pensamento e compara o comportamento dos jovens de sua época com os da atualidade, dizendo: *"Naquele tempo, lhe respeitava "- lovado [sic] seja nosso senhor Jesus Cristo, bença [sic] fulano, bença [sic] cicrano" ... E hoje você passa por mim "oi". E eles tão*

vivendo assim". Sua fala chama atenção principalmente pela diferença da forma de cumprimento de antigamente para hoje, isso porque o comum sempre foi antes de qualquer coisa pedir a "bença", o que dificilmente acontece atualmente e quando acontece quase sempre é cobrado por quem vai abençoar. Vale ressaltar que, algumas poucas exceções do uso da "bença" na comunidade são consequências da criação familiar.

Além da dimensão cultural do pedido de proteção representar uma comunhão entre a vida cotidiana e a proteção divina, a mudança de hábito também faz deduzir uma mudança na relação de respeito entre as gerações mais novas com as gerações mais antigas, o pedido de benção também significava o entendimento de que os mais velhos eram portadores de sabedoria, conhecimento e que mereciam uma reverência formal, que denotava o respeito pela trajetória do outro. A mudança desse comportamento, aparentemente simples pode revelar uma alteração nos valores coletivos.

Ao questionar sobre as reuniões entre vizinhos nas portas de casa, uma cultura muito comum em lugares pequenos, a entrevistada 08 deixa revelar as transformações também sofridas nesses encontros ao decorrer dos anos na localidade:

Naquela época o pessoal se reunia e sentavam na porta a noite assim que o sol esfriava. O pessoal fazia sua própria esteira, feita de palha de licuri e também da própria tabua que cobria a casa. Eles fazia [sic] aquela esteira e ali eles sentavam [sic] e uns gostavam de ler romance, o cordel e outros contavam histórias de trancoso [sic]. Outros sentavam ali pra poder disbulhar [sic] o milho. As mulheres se reunia [sic] pra conversar sobre o dia a dia, da sua vida. Era trabalhar durante o dia e a noite descansar sempre na calçada com o cumpadre [sic] do lado, quase todo mundo era cumpadre [sic], aí toda noite vinham. Tinha pessoas que vinha bater pandeiro, outros sabiam tocar violão. As mulheres também enquanto elas tavam [sic] trabalhando dibulhando [sic] o milho elas cantavam cantos de roda. Eu lembro que minha mãe cantava "meu pé de Jacarandá" e eu achava bonito e ia dizendo um verso.

Diante da fala da entrevistada 08, é possível observar que não só as reuniões entre vizinhos mudaram, como também os saberes e fazeres que essa tradição proporcionava. Ainda que exista os encontros, não mais se vê homens e mulheres produzindo, por exemplo, esteiras ou passando a diante histórias que ouviram dos mais velhos. A conversa é diferente, os comportamentos são diferentes e existe

estranhamento entre as reuniões de antes e as de hoje, como pontua a entrevistada 12:

Naquela época a gente conversa tanta coisa, conversava o passado, muitas coisas que hoje quando se fala no passado dizem "quem vive de passado é museu", é bem assim. Mas naquela época a gente sentava [sic] na porta pra contar causos da própria roça, do próprio trabalho, do dia a dia, os planejamentos que a gente fazia pra batizar os filhos, que naquele tempo a gente quase não saia pra fazer nada. Então quando a gente tava [sic] ali conversando era combinando com os vizinhos... era uma coisa totalmente diferente de hoje. E partilhava muito e você vê que hoje a partilha é bem pouca, porque as pessoas vevi [sic] no mundo que parece não confiar nos outros [sic].

Estes encontros também eram marcados pelas brincadeiras lembradas com muito carinho pelos participantes, dentre elas, as rodas e os versos que recitavam na infância e juventude. A entrevistada 07 vai dizer que: *"Brincar de roda, brinquei muito. Nois [sic] brincava de roda, a cabeça da jiboia, óia [sic]. Era uma pegada no ombro dasotas [sic]. Enquanto nois [sic] brincava [sic] os adultos as vezes ficava [sic] dentro de casa, as vezes ficava [sic] olhando de lá da porta [...]".* A roda da jiboia também foi citada por outra participante, a entrevistada 06 que contou como a brincadeira funcionava: *"Fazia a roda da jiboia...*

Sin dô lê lê
Sin dô lá lá
Arreda do caminho
Deixa a jiboia passar...

Pegado uns nos outros...

rolou, rolou
tornou rolar,
a jiboia rolou
agora vai desenrolar...

E fazia o contrário".

Segundo Michahelles (2011, apud CÂMARA CASCUDO, 1988) as brincadeiras de roda fazem referência às brincadeiras cantadas e/ou dançadas no folclore, representadas por coreografias e melodias de fáceis compreensões. Boa parte dessas danças acontecem no formato de roda em que os participantes dão as

mãos. Entretanto, existem outras formas de brincar que não necessariamente precise formar uma roda, como é o caso das brincadeiras sentados, em fileira, de esconder entre tantas outras formas.

Ainda recordando esses momentos de diversão, o entrevistado 04, de 76 anos, recita um verso de sua época:

Se eu soubesse que tu vinha [sic]
Eu mandava te buscar
Dentro dum [sic] balão de ouro
Para o sol não te queimar...

Já a participante 12 não só destaca algumas brincadeiras de outros tempos como também levanta uma crítica ao uso excessivo do celular entre as novas gerações: *“Enquanto a gente tava [sic] sentado na porta as crianças brincava [sic] de pia, tinha aquelas brincadeiras de guarda meu anel bem guardadinho... as brincadeiras de criança era [sic] essa [sic]. Hoje não, os meninos é [sic] só no celular e tirante disse já quer [sic] ser moça”*.

Não cabe aqui generalizar tal fato, mas é inegável que as crianças de hoje passam muito mais tempo em frente a um aparelho eletrônico que brincando em qualquer lugar. Entretanto, ainda é possível ver na comunidade a presença de crianças brincando na rua, mesmo que as brincadeiras não sejam as mesmas de antes, principalmente porque a mudança dos tempos implica em mudanças nas formas culturais, o que vai representar mudanças nas formas de apropriação das brincadeiras e nos tipos de brincadeira.

Uma grande característica de São Tomé é a solidariedade. Amorim (2021, p.79) vai dizer que “o desejo e a garra para ajudar os irmãos que precisam, faz a população se manifestar e partir em busca de ajuda”. Esse mesmo desejo solidário de servir uns aos outros é também evidenciado já em sua mocidade na fala da entrevistada 07:

Naquele tempo tinha o batalhão que todo mundo se ajudava. Dizia: óia [sic], fulano de tal vai fazer um batalhão, bora todo [sic] os homens. Era pra fazer cerca, era pra tudo. [...] até gado matava de batalhão, eu pelei muito fato do povo. Juntava aquele bucado [sic] e comprava uma rei [sic] e dividia.

O relato da participante 07 diz respeito a um tempo em que compartilhar e ser solidário era a melhor forma de sobreviver em meio as dificuldades, pois ao ajudar uns aos outros vivendo em comunhão, tudo se tornava mais leve. Essa cultura não se perdeu totalmente, embora se apresente de outras maneiras, ainda hoje é possível vê-la em pequenas ações, sobretudo, realizadas pelas instituições religiosas da comunidade, como descreve Amorim (2021, p.79):

A igreja católica sempre é procurada quando existe alguém passando por dificuldades, principalmente de saúde. São divididos grupos para entregarem envelopes em todas as casas, é dado um prazo para as pessoas ajudarem com o valor que podem. Ao final do prazo os envelopes são recolhidos e os valores conseguidos são repassados para a pessoa que está precisando no momento. Não é necessário frequentar a igreja, qualquer pessoa que precisa e vai em busca de ajuda é acolhida.

As igrejas sempre exerceram grandes papéis na comunidade, especialmente a católica que em muito colaborou e colabora com a existência de uma série de tradições na localidade. Aqui, cabe destacar uma tradição que se manteve e tem grande importância em São Tomé que é o tocar do sino na igreja católica. Quando o sino é tocado tem a intenção de passar uma informação que pode ser tanto o anúncio das celebrações e missas, como também a morte de algum membro da comunidade. O que diferencia a mensagem é a forma com que o som ecoa e que vai depender da sequência de toques. Para anunciar um falecimento, por exemplo, é dado primeiramente um toque, assim que o som vai se dissipando são dados mais dois toques, repetindo o processo até completar sete vezes. Dessa forma todos da comunidade são informados que alguém veio a óbito (AMORIM, 2021).

Uma outra herança que ainda se mantém viva em São Tomé é a cura por meio dos benzedores. De acordo com Anjos (2006), a cura é por assim dizer, uma tradição de grande importância para preservação cultural de um lugar, principalmente, quando se leva em consideração os conhecimentos ancestrais dos africanos, indígenas e portugueses presentes nesse espaço. O autor ainda destaca a benza como uma das faces da cura que tem como princípio curar os males do corpo e, também, aqueles derivados do “mal olhado”.

Acerca disso, a entrevistada 07 descreve como virou benzedeira e os tipos de males que ela aprendeu rezar:

Eu aprendi a reza com tia Rica. Eu ganhei a Izabel [...] e aí botaram um olhando nela que essa menina rolou uma tarde todinha sem abrir nem os olhos e nem urinava e nem nada. Aí eu mandei ela [sic] rezar e ela disse: - Eu vou rezar pra tu aprender. Aí ela rezou pra mim [sic] aprender e eu sei rezar modisso [sic]. Eu sei rezar também de dismitidura [sic] que eu vi, não sei se foi finado Vitale rezando ou foi Tamira, aí eu aprendi. E aprendi com o finado Vitale de dor de barriga.

O discurso apresentado pela participante revela que houve interesse por parte dela em aprender as rezas, primeiro pela necessidade e depois por despertar a vontade dentro de si, fazendo-a se aprofundar em mais conhecimento. Como pode também ser observado, ela já apresenta uma certa idade o que é característico dos benzedores ainda existentes na comunidade. Assim, essa herança cultural, como tantas outras, não está escape ao esquecimento, pois diferente de outros tempos sua transmissão não mais ocorre com a mesma frequência.

Faz-se necessário destacar também a medicina tradicional, a qual se utiliza dos poderes oferecidos pela fauna para o combate de uma série de doenças. Tomando as palavras de Santos (2008, p.33) é possível dizer que essa medicina é praticada “de forma empírica, com vasto conhecimento de farmacopeia popular, utilizando-se de raízes, cascas, folhas e sementes como matérias-primas para suas curas.” Neste contexto, a entrevistada 08 discorre sobre a importância que os conhecimentos medicinais tinham na comunidade antigamente:

Na minha época a questão da saúde era na base do chá e muita oração [...]. Era assim que a comunidade vivia. Médico era coisa de gente rico [sic]. Era chá mesmo: chá de erva doce, chá de capim santo, chá de cideira. E naquela época como não tinha médico as pessoas idosas elas eram experientes. Elas sabiam os chás certinho, quando tava [sic] gripado, com dor de barriga, com febre...

Apesar da população de São Tomé atualmente ter os serviços formais de saúde muito mais acessíveis que antes, com a presença de profissionais e farmácias na comunidade, eles não renunciam aos chás e remédios naturais. Inclusive, muitas pessoas cultivam em sua própria casa algumas plantas medicinais, como as citadas pela entrevistada.

A capoeira enquanto expressão cultural afro-brasileira, também se fez presente no processo cultural da comunidade. Segundo Amorim (2021) em seus momentos de glória, jovens, adultos e crianças participavam da capoeira, tanto em

São Tomé quanto na vizinhança. Hoje o grupo de capoeiristas não atua mais ativamente, ora ou outra se apresentam nas escolas e quase sempre com a participação de membros de outras localidades para completar o grupo.

Até aqui, as culturas e tradições de São Tomé foram confrontadas de modo a provocar reflexões, sobretudo, das mudanças que estas vem sofrendo ao longo do tempo. Diante disso, é necessário também lembrar manifestações culturais da comunidade que aos poucos foram desaparecendo como a queima do Judas e a Roda de São Gonçalo, pois mesmo não existindo mais, se torna relevante recordar aqui essas tradições, até como forma de registro.

Sendo assim, a queima ou ainda a malhação de Judas, é uma manifestação que simboliza a morte do discípulo traidor que entregou Jesus aos príncipes dos sacerdotes, como descreve a passagem de Marcos 14, 10-11: *“Judas Iscariotes, um dos Doze, foi avistar-se com os sumos sacerdotes para lhes entregar Jesus. A essa notícia, eles alegraram-se e prometeram dar-lhe dinheiro. E ele buscava ocasião oportuna para o entregar”* (A BÍBLIA, 2014).

Dessa forma, a queima ou a malhação de Judas é entendida a partir de Mendes (2007, p.21 e 27) como sendo:

[...] um ritual católico que se inscreve nas celebrações da Semana Santa, período que marca simbolicamente a imolação, sacrifício e ressurreição de Jesus de Nazaré para a crença cristã. [...] configura-se enquanto rito liminar e ao mesmo tempo, punitivo, no qual o grupo assume a tarefa de castigar o boneco de Judas utilizando-se de várias interpretações para esta ação.

Nesse sentido, cabe aqui trazer o relato da entrevistada 06, em que ela descreve de forma detalhada como essa tradição se manifestava outrora em São Tomé:

Em Sábado de Aleluia tinha o Juda [sic] que eles simbolizava [sic]. O Juda [sic] era um homem de pano, aí eles inchia [sic] de palha de milho aí fazia tipo uma pessoa mesmo. Botava chapéu, sapato, vistia [sic] a roupa, arrumavam gravata, palitó [sic] e vistia [sic]. Fazia o palco e tocava fogo em Juda [sic]. Mas pra poder tocar, primeiro tinha que ler o testamento do Juda [sic]. Dividia os pertences dele pá [sic] todo mundo que ele deixava, aí depois que lia o testamento tinha a ladainha. Botava era os meninos pra dizer: [sic] "Livrai senhor". Os que sabia ler lia [sic]. Os defeitos que cada um tinha, era

tudo descuberto [sic] em Juda [sic]. Era: - dor de risada como fulano de tal. E os meninos:- livrai senhor! ... Era a ladainha do Juda [sic].

Assim, como a queima do Judas caiu no esquecimento, a Roda de São Gonçalo também teve o mesmo destino. Em 2008, ano que Santos realizou seu trabalho em São Tomé, já se observava tal perda, pois mesmo nessa época não mais a realizavam, algo muito bem observado e pontuado pela entrevistada 08 ao relembrar essa tradição cultural: *“Eles aqui tinha [sic] uma cultura que hoje parece que terminou também, uma Roda de São Gonçalo. Muito bonita, que usava um arco e dançava”*.

Tomando a deixa da fala da participante, é possível ressaltar que a Roda de São Gonçalo vai muito além do arco e da dança. Existe toda uma dinâmica por traz para que a promessa feita ao santo violeiro seja cumprida. Nessa perspectiva, os autores Farias e Almeida (2016, p.62 apud TESKE, 2009, p.95) vão descrever essa tradição como sendo:

[...] uma manifestação cultural fortemente marcada por aspectos religiosos, sincréticos e de cultura popular, não sendo uma mera dança. A Roda é composta de um conjunto de ações, tais como: preparação, convocação dos atores envolvidos, divulgação, montagem, preparação pessoal, recepção dos participantes, ensaio da dança, janta, paramentação, dança da Roda de São Gonçalo, epílogo, dança da Sússia, ritos finais e o encerramento que, por sua vez, se dividem em várias partes.

As mudanças nos valores culturais e a eliminação de algumas tradições é refletida na vida cotidiana dos moradores de São Tomé, o que, do ponto de vista cultural, põe em risco a manutenção do quadro cultural profundo que forja a identidade da comunidade. A perda da tradição cultural ao mesmo tempo que revela uma ruptura com o passado da comunidade acena para a construção de novas formas sociais de desenvolvimento da vida cotidiana na comunidade, e uma boa forma de compreender os sentidos desta transformação é acompanhar o comportamento dos jovens, o que legitima um desenraizamento.

Os novos hábitos desenvolvidos pela juventude que reside em São Tomé estão em diálogo com os signos da modernidade, ou seja, o acesso à rede de internet e o serviço de transmissão de dados celulares ampliou a participação das tecnologias no dia a dia dos jovens. Segundo Lima, Nascimento e Farias (2016, p.2):

Essa era informacional traz uma integração positiva do conhecimento, na qual é possível estudar e conhecer hábitos culturais (músicas, vestimentas, alimentações, línguas, técnicas) de todo o mundo, ter acesso a obras literárias e científicas produzidas em qualquer lugar, e não só receber informações, como também transmitir. No entanto, o acesso a pessoas e conhecimentos diversos pode influenciar negativamente nossos hábitos. Os padrões globais apresentados vêm sendo seguidos, deixando de lado os padrões locais, e acabam por promover uma descaracterização dos hábitos culturais em detrimento dos modelos globais aderidos.

Além disto, a condição de lugar periférico e de poucas possibilidades de trabalho e entretenimento acabam por popularizar entre os habitantes, sobretudo a juventude local, a prática de alguns comportamentos como o consumo de bebidas, cigarros, entre outras drogas lícitas e ilícitas, fazendo com que a comunidade se depare com questões sociais que acabam por ampliar a desconexão das pessoas com a tradição cultural da comunidade.

4.1 MANIFESTAÇÕES CULTURAIS DE MAIORES DESTAQUES

Ao decorrer de um ano, a comunidade promove algumas manifestações que fazem parte da cultura local e funcionam como um atrativo a parte, pois são sempre aguardadas por toda população e seus visitantes com muito entusiasmo, ou pelo menos era assim. São elas: o Reisado, os Penitentes, a Vaquejada e os festejos de São João Batista. Baseados nas palavras de Amorim (2021) é possível definir tais manifestações culturais como:

REISADO:

O reisado é um grupo composto em sua grande maioria por mulheres que vestem acessórios e roupas bem coloridas e chamativas. Elas saem de casa em casa sambando em rodas ao som de instrumentos tocados por alguns homens que também compõem esse grupo, levando alegria para todos (Ver Figura 8).

Figura 8- Reisado das Ciganas.



Fonte: Thais Carvalho (2016).

Quando a autora descreve o reisado como sendo composto por mulheres ela está se referindo ao reisado das ciganas. Entretanto, alguns entrevistados revelaram que o reisado da comunidade era feito inicialmente apenas por homens e que o das mulheres na verdade pertencia aos povoados vizinhos que anualmente prestava visitas a São Tomé, como pontua a entrevistada 13:

O reisado quando nós chegamos aqui já tinha. Era reis de homem e tinha de mulher, mas as mulher [sic] que cantava reis não era daqui. E ainda era assim, os reis de antigamente era a gente dormindo e acordava com o povo cantando na porta pra gente abrir a porta pra dá a colaboração e eles fazia [sic] o sambinha dentro de casa e iam embora.

Nesse mesmo sentido, a entrevistada 08 corrobora:

Quando eu era uma menina tinha um pessoal do povoado aqui perto, o Almeida que eles cantavam muito reisado e eles sempre vinham visitar as pessoas de surpresa. Quando você acordava meia noite, acordava com aqueles cantos do reisado. Não avisava [sic]. E depois daquela reza que faziam na porta aí abria sambavam um pouco em casa e o dono da casa naquela época talvez não tinha [sic] dinheiro, mas sempre presenteava com uma galinha, presenteava com farinha com o que tivesse, ovos [...].

Diferente do que se vê hoje, o reisado acontecia na calada da noite, pegando sempre a população desprevenida e de surpresa. Era escolhido uma casa em que

seus moradores levantavam para receber os ilustres visitantes e ao final ofereciam presentes aos reis do que tinham e podiam doar. Hoje as visitas já não ocorrem mais dessa maneira, acontecem geralmente cedo da noite e quase sempre são previamente combinados com os donos das casas a serem visitadas.

Ao fazer uma análise de tais relatos com o que se observa atualmente, é possível dizer que com o tempo, a aproximação geográfica, migrações e relações entre as comunidades possibilitaram que o reisado de São Tomé sofresse influências também de seus vizinhos. Tais influências fizeram nascer na localidade um novo sentido dessa manifestação cultural; o reisado passou então a ser celebrado pelos reis das ciganas juntamente com membros dos reis dos homens, uma mistura que em meio as constantes mudanças vêm lutando pela permanência dessa tradição.

PENITENTES:

A manifestação dos penitentes acontece todo ano durante a Semana Santa (iniciando na segunda e finalizando na sexta-feira da paixão), representado por um grupo de pessoas com vestimentas brancas cobrindo até o rosto e que fazem um percurso de 2 horas (começando às 22:00 e terminando às 00:00) entre o cemitério e a igreja rezando pelas almas dos que já se foram (Ver Figuras 9 e 10).

Figura 9- Penitentes percorrendo as ruas da comunidade.



Fonte: Thais Carvalho (2016).

Figura 10- Penitentes rezando na porta da igreja católica.



Fonte: Arquivo pessoal (2019).

De acordo com a entrevistada 07:

Os pinite [sic] todo mundo sabe que era a semana todinha. Ia até por ali de trás. Mas só que os pinite [sic] ninguém conhecia e nem vistia [sic] pra todo mundo ver. Eles ia visti [sic] lá, vinha ali por de trás pra vim rezando do cemitério pra cá. Não passava na rua daqui pra lá, só passava na rua na volta, não é como agora, era diferente. Ninguém não acompanhava, nem nada. Ficava só na porta olhando e tinha gente que nem na porta saia pra olhar. Tinha gente que saia pra olhar e disse que via alma.

Não se sabe ao certo quando surgiu os penitentes na localidade, mas uma das participantes da pesquisa (Entrevistada 06, 79 anos) diz ter sido trazido por um casal de fora e que passou para outros moradores, como foi o caso de seus pais, que por muitos anos fizeram parte dos penitentes e passaram a tradição a diante. O que se pode dizer dessa manifestação é que ela, assim como o reisado, tem vínculo direto com a crença popular e diz respeito a uma devoção de muita responsabilidade.

Corroborando com tal afirmativa a entrevistada 08 declara:

[...] eu já fui penitente durante muitos anos. Nessa época tinha uma senhora chamada Ormídia que já faleceu, ela era uma mulher muito religiosa. Então quando a gente resolvia ser penitente a gente tinha uma conversa particular com a dona. Ali não era brincadeira, ali era uma devoção que você ia fazer essa devoção com Deus. Era tão bonito que era segredo, por exemplo, eu era mais ninguém sabia, você não passava pro outro que você era, era um segredo seu que a gente vê que hoje já é diferente.

O que se manteve de lá para cá foram as vestimentas e o propósito. O tempo trouxe mudanças; se antes não podia acompanhar, hoje não só “pode” como tem muito mais seguidores assistindo que os próprios devotos. É contado de dedo os penitentes que ainda persistem na caminhada e cada ano que passa diminui ainda mais.

VAQUEJADA:

A vaquejada é um evento que promove o encontro de vaqueiros de toda região. Neste evento há as rainhas e princesas (geralmente da própria comunidade),

brincadeiras, homenagem a um vaqueiro de grande legado na localidade e muitas premiações, como por exemplo, o vaqueiro mais bem vestido (Ver Figura 11).

Figura 9- Desfile dos vaqueiros na festa de vaquejada.



Fonte: Thais Carvalho (2015).

Entre as manifestações de maiores destaques, a vaquejada é a mais jovem. Apesar de a comunidade e toda a região ter a presença marcante da figura do vaqueiro desde os seus primórdios, essa festividade existe em São Tomé há menos de 30 anos. Ela também é de longe (juntamente com a festa junina) a manifestação cultural que mais tem o envolvimento da juventude local. Apesar disso, nos últimos anos nem a vaquejada escapou, sofrendo mudanças e adaptações que não mais tem o mesmo vigor de antes.

A entrevistada 02 pontua em sua fala exatamente esse contexto:

Vaquejada mesmo era melhor de que agora, hoje que já não tem mais graça, era boa naquela época. Uma mesmo que seu Guilherme fez aqui mais [sic] foi bonita viu, fazia gosto, era cheio de gente e de cavalo era bonita era bem organizado um negócio assim bonito mesmo.

FESTEJO DE SÃO JOÃO BATISTA:

O festejo de São João Batista é um evento religioso que acontece todo ano no mês de junho. Tudo começa com o novenário na igreja católica, em que durante

os nove dias que antecedem o dia 24 são estendidos convites às comunidades circunvizinhas para comemorar o nascimento e a vida de São João Batista. Além da festa religiosa há também a celebração de São João na rua, com fogueiras, brincadeiras, comidas típicas e shows de forró (Ver Figuras 12 e 13).

Figura 12- Festejo de São João Batista na igreja católica.



Fonte: Raquel Santos (2021).

Figura 13- Festejo de São João na rua.



Fonte: Thais Carvalho (2018).

Em entrevista feita por Santos (2008), dona Ilda Monteiro, primeira professora da localidade, revelou que o festejo de São João de São Tomé foi trazido por ela. Ela foi responsável pela criação da primeira igreja católica da localidade, a capelinha de São João Batista e quem também doou a primeira imagem do santo. Uma curiosidade sobre essa igreja é que ela ficava no centro da comunidade, e foi destruída e tempos depois construída em um outro espaço.

Relembrando o começo deste festejo, a entrevistada 02 vai dizer que: *“As festas de São João era boa [sic] também. Na época de São João na igreja não era como é agora não, que na igreja faz a novena e antigamente a novena era curtinha era o dia mesmo, o dia do São João. Isso mudou e muito”*.

Nessa perspectiva, pode-se dizer que o festejo religioso vem evoluindo e se mantendo firme ao longo do tempo. São Tomé é um lugar de muita fé e ao contrário de outras manifestações culturais, o São João na igreja católica é levado muito a sério. Toda festa é preparada com muita dedicação por seus fiéis, tendo a

colaboração até de quem não frequenta a igreja por meio de doações e compras de lanches na barraquinha.

Já a festa na rua sempre foi esperada por todos com muito euforia, principalmente por ser a rua palco das brincadeiras juninas. Nela tinha pau de sebo, o ramo com várias coisas penduradas (dinheiro, cachaça, alimentos...), guerra de espada, comidas típicas, fogueiras nas portas... As escolas preparavam apresentações, as vezes aproveitavam o espaço da praça, outras vezes utilizam o próprio espaço escolar. Tinha também a quadrilha dos jovens e houve época que até quadrilha dos velhos. Após todas as brincadeiras era a hora da sanfona entrar em cena e o forró rolar até o dia amanhecer. O entrevistado 15 descreve um desses momentos:

O povo botava aqueles ramos com aquelas canas bonita [sic], com aquele monte de bebida amarrada com arame no galho da árvore. Aí as mães de família chegava [sic] com seus filhos e ficava [sic] ao redor da fogueira, quando a fogueira caia era o povo em cima pegando cana pegando o que tivesse. Era só alegria. Quando terminava aquele negócio ali eles iam fazer a festa.

Nos últimos anos de São João, que antecederam a pandemia, já se via um enfraquecimento dessa festa e com a chegada da pandemia não só o festejo junino como o reisado, a vaquejada e as demais manifestações culturais da comunidade sofreram maiores impactos. Mesmo com a flexibilidade de hoje em relação à COVID-19, muitas dessas tradições não voltaram ao seu normal e ainda não se tem certeza se algumas delas voltarão.

5 A VELHICE E A GEOGRAFIA DO ENVELHECIMENTO

Sendo um processo que rege a vida, o envelhecimento é apresentado como a etapa final de uma longa trajetória dividida em fases representadas pela infância, juventude, vida adulta e velhice (FERNÁNDEZ, 2007; KARPF, 2015). Portanto, o ato de envelhecer acontece de forma natural e para aqueles que desejam viver em plenitude existem apenas duas alternativas: Passar pela velhice ou morrer antes dela.

Nesse contexto, ressalta-se que nas últimas décadas a humanidade vem se tornando cada vez mais velha, o que significa dizer que as pessoas estão vivendo muitos mais que antes, ultrapassando o marcador dos 60 anos. Muitos são os motivos que contribuem com esse prolongamento da vida humana, dentre eles pode-se destacar a baixa na taxa de fecundidade, ao tempo que a expectativa de vida vem aumentando e a mortalidade (infantil e adulta) reduzindo, fatores possíveis também de serem observados no Brasil (COSTA; FREITAS, 2010).

Embora a longevidade se apresente como uma grande evolução e conquista, ela também levanta vários questionamentos, sobretudo, no modo com que as sociedades contemporâneas compreendem esse alongamento do tempo de vida da humanidade (VELOZ; NASCIMENTO-SCHILZE; CAMARGO, 1999). Isso porque, o envelhecimento também desencadeou uma série de desafios, principalmente no que tange às políticas públicas e às estruturas organizacionais e sociais, abrindo um profundo debate acerca da contribuição e papel dos velhos, uma vez que esses são vistos como população inativa economicamente e um peso para a previdência social. (OLIVEIRA, 2019, p. 3). Sobre isso Nóbrega (2013, p.140) vai afirmar que:

Quando se dá o movimento de passagem de classe trabalhadora para classe trabalhadora aposentada ou impossibilitada de ser produtiva pela idade é que os cenários de vulnerabilidade se tornam mais crônicos. Principalmente porque para o indivíduo trabalhador perder essa condição significa também perder projeção social e significa redução de importância na condição de chefe de família. Ou seja, a velhice associada à aposentadoria põe em xeque a importância social do indivíduo [...].

É ainda na velhice que as desigualdades sociais se tornam mais intensas, principalmente quando é levado em consideração as transformações sofridas nos processos sociais, culturais e econômicos nos últimos tempos, algo refletido no

enfraquecimento das relações na comunidade e na família, suportes indispensáveis na integração e cuidado dos sujeitos velhos (AIROSA; AIROSA, 2008).

De acordo com Nóbrega (2017), os primeiros traços da geografia do envelhecimento na história vão surgir no início do século XX, período identificado como a constituição da geografia social. No começo, os temas abordados na geografia social estavam diretamente ligados aos estudos regionais e também culturalistas exercidos pela geografia humana clássica, de modo a revelar questões referentes a distribuição e localização dos fenômenos sociais no espaço, tendo a sociedade como referencial do ponto de partida da organização espacial.

Foi só a partir dos anos de 1950, com o surgimento de pesquisas e análises em alguns países da Europa e nos Estados Unidos em torno do processo de migração e as percepções do movimento populacional, impulsionados pelo interesse em revelar os sentidos das relações existentes entre rural-urbano/campo-cidade, que o envelhecimento da população se manifesta como uma temática importante, embora como componente ligado a um estudo mais extenso (NOBREGA, 2017).

Vale ressaltar que o fato de os estudos sobre o envelhecimento terem focado por muito tempo nas análises demográficas, relacionados sobretudo, a compreensão da organização populacional, fez com que entre as ciências humanas e sociais a temática do envelhecimento assumisse características de novidade (NOBREGA, 2013). Isso se deve principalmente por ele só ter surgido como tema emergência do pensamento, na contemporaneidade. Ainda assim, Nóbrega (2017, p. 35) vai dizer que este se apresenta:

[...] por meios contraditórios, fruto do mundo moderno, que possibilita aos seres humanos uma maior sobrevivência ao tempo sob a prerrogativa de melhores condições globais de saúde, o que, entretanto, não garante melhores condições sociais de vida na velhice, principalmente em países de economia periférica. Faz-se urgente aprofundar as reflexões sobre o envelhecimento e sua condição geográfica a fim de superar os limites teóricos e práticos associados ao pensamento e ao conjunto das ações relacionadas à velhice.

É neste sentido, que a geografia centrada nas condições do envelhecimento, busca estudar e analisar as relações de vida dos sujeitos velhos com o meio, num aspecto espacial, em que a interação social, as necessidades pessoais e assistenciais são levadas em consideração (GONZÁLEZ, 2005).

É pretensão da geografia do envelhecimento “estudar e entender a produção do homem em sua totalidade, mas que foca o olhar sob uma parte desse todo, não desconsidera a totalidade da sociedade, mas entende as sutilezas antropológicas e sociológicas da reprodução da vida” (NÓBREGA, 2017, p.44).

É importante destacar que a velhice e o envelhecimento são eixos temáticos profundamente estudados em ciências como Serviço Social, Psicologia Social, Gerontologia Social (que é um ramo da medicina) e Demografia. Mas na Geografia ainda é perceptível uma carência de estudos. A Geografia da População, que em tese deveria produzir material sobre o tema, quando o faz aposta em releituras da demografia, entendendo a dinâmica populacional e os dados quantitativos relacionados a pirâmides etárias.

Percebe-se com isso um profundo vazio nas discussões qualitativas sobre a condição de vida dos sujeitos velhos, o que diminui absurdamente o número de publicações que trabalhem na ordem de uma geografia do envelhecimento, abrindo para o geógrafo um campo de análise promissor, mas que exige um esforço por compor diálogos com outras áreas.

5.1 A FIGURA DO VELHO EM COMUNIDADES TRADICIONAIS

A função social do velho sempre esteve associada à missão de lembrar e aconselhar - *memini, moneo* – bem como unificar o começo e o final, ligando o que já foi com o que há de vir (BOSI, 1994). Nesse sentido, o velho é então um sujeito com grande bagagem cultural e por assim dizer, figura de autoridade perante a sociedade, consequência do que foi conquistado ao longo de sua vida e que se reflete em suas experiências e saberes, garantindo assim, uma posição de muito respeito. Segundo Claval (2007, p.103).

Para melhorar seu *status* e se beneficiar do mais completo crescimento cultural, a estratégia é então simples: desempenhar o máximo de papéis e ocupar no decorrer de sua existência todas as posições, ao menos, as de responsabilidade. A consagração vem mais tarde porque, num tal contexto, a vantagem é atribuída àquele que acumulou a experiência mais variada e mais extensa: a consideração cultural e a autoridade que permite exercer sobre a sociedade são privilégios da velhice que guarda na memória as tradições mais antigas e conhece todos os obstáculos e dificuldades que a vida reserva.

Quando vista num contexto tradicional, essa posição de autoridade conquistada pela velhice é ainda mais evidenciada. As comunidades tradicionais têm na figura do velho a fonte de todos os saberes e fazeres construídos por seus antepassados, cabendo então a esses sujeitos a responsabilidade de passar a diante os conhecimentos de seu povo às novas gerações, como destaca Lopes, Paixão e Santos (2019, p.89).

[...] Por meio dos mais velhos é que são transmitidos os conhecimentos que foram passados a eles pelos nossos ancestrais. Para além das experiências e vivências durante os anos de vida adquiridos pelos idosos, é através deles que os costumes e tradições continuam sendo passados adiante. São com os mais velhos que se aprendem os saberes tradicionais, de como lidar e cultivar a terra, cuidar dos animais, preparar os alimentos típicos da nossa cultura, as rezas, as benzeduras e como manipular as ervas medicinais.

O termo populações ou comunidades tradicionais apresenta certa dificuldade conceitual e de expressão uma vez que mundialmente existe um intenso debate em torno do significado de termos como “populações nativas”, “tribais”, “indígenas” e “tradicionais” (DIEGUES ET AL., 2000). Utilizando-se da noção de “sociedades tradicionais” Diegues et al. (2000, p.22) vão descrever essas comunidades a partir de:

[...] grupos humanos culturalmente diferenciados que historicamente reproduzem seu modo de vida, de forma mais ou menos isolada, com base em modos de cooperação social e formas específicas de relações com a natureza, caracterizados tradicionalmente pelo manejo sustentado do meio ambiente. Essa noção se refere tanto a povos indígenas quanto a segmentos da população nacional que desenvolveram modos particulares de existência, adaptados a nichos ecológicos específicos.

Apesar do velho ser fundamental na preservação e transmissão da cultura de um lugar como um todo, há um movimento que tende a dificultar o seu papel nas sociedades, mesmo nas tradicionais. No que tange esse papel, é possível destacar aqui as interferências resultantes dos avanços tecnológicos, que como enfatiza Otoni (2018, p.19 apud DIAS, 2014) vem provocando mudanças nas relações, sobretudo, de transmissão cultural entre as gerações:

Uma das mudanças advindas da era tecnológica e que interfere diretamente na transmissão dos conhecimentos tradicionais é o

papel do idoso em algumas sociedades. Antes o idoso era visto, em suas comunidades, como o guardião dos conhecimentos, aquele que repassava todo o aprendizado e experiências aos mais jovens. Após a inserção tecnológica, a atenção dos mais jovens foi atraída pelos meios de comunicação, fazendo com que o idoso perdesse um pouco seu espaço e papel de transmissor oral dos conhecimentos tradicionais.

Tal afirmação pôde também ser observada ao longo das entrevistas o que confirma que essa mudança também acontece na comunidade quilombola de São Tomé. Alguns participantes revelaram que diferente de outros tempos, quando a tecnologia ainda não estava tão presente na localidade, a juventude tinha muito mais curiosidade e desejo em aprender ou até mesmo participar das tradições culturais de seu lugar, como bem enfatiza a entrevistada 08 ao ser questionada sobre como os valores culturais eram transmitidos outrora:

Os pais incentivava [sic] os filho e os filhos também já gostavam, já tinham aquele sabor. E muitas vezes nem precisava do incentivo dos pais, eles achava [sic] bonito e não queria [sic] que acabasse. Hoje em dia as pessoas se ocupam muito com a TV, com a tecnologia que chegou fia [sic] e globalizou o mundo todo, aí as pessoas perderam os interesses [sic] por essas coisas e naquela época era alegria”.

Eles ainda destacam o uso excessivo do aparelho celular por parte dos jovens como sendo um dos principais vilões no processo de transição e recepção cultural. Segundo eles, o celular distancia ainda mais o interesse das novas gerações em manter e transmitir a cultura local, como expõe a mesma participante em um outro momento da entrevista:

Pra falar a verdade, do que eu vejo, que tem que ser minha opinião, eles não têm nenhum interesse. Você vê que quase não participam, eles passam olhando pro celular e não olham, não prestam atenção do significado. Eles estão muito ligados no celular, que pena, mas é verdade.

Num mundo em que a tecnologia avança cada vez mais, o papel do velho como fio condutor dos valores culturais se torna uma tarefa ainda mais árdua e difícil, principalmente, por ser as tecnologias o retrato do novo enquanto os conhecimentos tradicionais muitas vezes ocupam um espaço de ultrapassado e inútil, o que acaba por interferir na própria imagem do velho e tudo que ele traduz.

5.1.1 Ser velho em São Tomé

É sabido que as condições da velhice vêm sofrendo transformações há muito tempo. Entretanto, existem particularidades que a difere de um contexto a outro, pois assim como não é a mesma coisa ser velho pobre e ser velho rico, também não é comparável ser velho urbano e ser velho interiorano, sobretudo, quando este último é compreendido como sendo uma comunidade tradicional.

Quando questionados sobre como são tratados os velhos de São Tomé e se existe um sentimento de acolhimento por parte da comunidade para com eles, a resposta da grande maioria dos participantes da entrevista, foi que sim, como pontua o entrevistado 11, que além de se sentir acolhido ainda destaca as amizades construídas na localidade: *“Eu me sinto acolhido, graças a Deus tenho uma boa amizade, [...] todo mundo gosta de mim. Sou bem acolhido”*. A exceção veio da participante 06 que mesmo acreditando que todos tratam bem os velhos, não enxerga um acolhimento geral entre os moradores: *“Mais ou meno [sic], a gente acha umas pessoas que ajuda e otas [sic] que não ajudam”*.

Do mesmo modo, os entrevistados declararam nunca terem passados por situações de preconceito ou discriminação pelo simples fato de serem velhos. Por outro lado, houve relatos de alguns episódios específicos de preconceito, mas que não tiveram ligação com a idade das vítimas, como o caso da participante 02: *“Antigamente já. Antigamente o povo era um “sebesta” [sic]. Quero dizer assim, no sobreviver, que o povo sempre tinha aquele preconceito... O povo pra gente pobre não liga não, fia [sic]”*. Ou ainda a situação enfrentada recentemente pela entrevistada 13: *“Sofri agora no COVID [sic], que eu acho que é preconceito porque não tinha nada a ver as pessoas da gente ser [sic] falecido [sic] e o povo ficar sem querer andar nem na rua da gente, então é preconceito [...]”*.

No que tange a participação ativa dos sujeitos velhos moradores de São Tomé nas atividades da comunidade, muitos revelaram fazerem parte ou já terem feito parte de algum grupo. Dentre as atividades mais citadas estão as associações, as igrejas e o conviver. O conviver diz respeito a um grupo formado por velhos, que curiosamente é composto em sua maioria por mulheres. Esse grupo promove a inclusão dos sujeitos participantes por meio de brincadeiras, músicas, danças, artesanatos e uma série de coisas que valorizam o velho e a velhice (Ver Figura 14).

Figura 10- Senhoras do Conviver fazendo uma apresentação na rua.



Fonte: Thais Carvalho (2014).

Entretanto, com a chegada da COVID-19 muitos foram obrigados a se afastarem de suas atividades. Com a possibilidade da volta da vida “normal”, aos poucos eles estão retornando as suas rotinas. Apesar disso, existe uma parcela desses entrevistados que até então não voltou a frequentar as atividades de antes. Outros ainda, se limitam a uma realidade da qual os problemas de saúde os impossibilitam de saírem de casa, como a entrevistada 07: *“Eu fazia parte do grupo das mulher [sic], mas nunca mais fui. Eu fazia parte da renovação carismática. Agora não porque não tô [sic] percebendo de nada, porque não posso caminhar... 4 anos que eu tô [sic] aqui nesse sofrimento”*.

Diante de tudo que já foi exposto, é evidente o enfraquecimento da autoridade sofrida pelos velhos em suas comunidades comparado há outros momentos da história; seus saberes e fazeres não mais recebem a importância de antes. Ainda assim, se faz pertinente salientar que no geral a comunidade de São Tomé vem exercendo respeito para com seus anciões, mesmo com as particularidades e exceções existentes. Fica evidente também, que apesar de não haver uma valorização especialmente da juventude no que se refere às culturas tradicionais, existem movimentos que buscam de alguma forma incluir os velhos nas atividades do lugar, quer seja pelas associações, instituições religiosas, ou quer seja pelo grupo conviver.

No entanto, as promoções dessas atividades não anulam as limitações da velhice impostas por muitos dos sujeitos de São Tomé, num processo em que seus projetos de vida se perderam com a chegada da velhice e a busca por uma bela velhice não lhes é possível, restando a esses indivíduos viverem seus últimos dias à espera da morte.

6 O TEMPO E A PERDA DAS TRADIÇÕES: CONSIDERAÇÕES FINAIS.

O tempo que tem nas mãos o ontem (chamado de passado), o hoje (tido como presente) e o depois (conhecido como futuro) se apresenta como condição das transformações e do novo. No que tange à cultura e mesmo às tradições o tempo não age de maneira diferente, ele molda, modifica, enterra e por vezes faz surgir novas formas de cultura e isso foi bem observado ao decorrer da pesquisa em questão.

Diante dos fatos apresentados e os diálogos desenvolvidos, observa-se a ação do tempo nas condições das culturais tradicionais de São Tomé, de modo a perceber que de fato está ocorrendo um desenraizamento dos saberes e fazeres ancestrais. Mas o que realmente vem causando isso? Retomando a pergunta que norteou as discussões ao longo deste trabalho, por que as tradições culturais de São Tomé vêm perdendo força e espaço ao longo do tempo?

A resposta pode estar no próprio tempo, que por si só provoca transformação espaciais, sociais e, também, culturais, e que por meio da globalização possibilita a rápida aproximação entre sociedades distintas, num movimento que faz acelerar as mudanças, sobretudo, do comportamento humano, e é nessa perspectiva que as tecnologias se apresentaram nas falas dos entrevistados como um dos elementos que vem contribuindo com o enfraquecimento e perda das tradições de São Tomé.

Cabe aqui ressaltar que, os avanços tecnológicos foram e são de suma importância para a humanidade, entretanto, no que tange as relações sociais e, também culturais locais, ele acaba por desencadear um distanciamento daquilo que é próximo e tido como importante, para focar numa outra realidade quase sempre distante.

Nesse processo, as relações familiares também aparecem como pauta, uma vez que estas não mais exercem o papel de incentivadores e mediadores dos valores tradicionais ancestrais como antes e quando exercem são representados por uma minoria, podendo ainda em muitos casos haver certa rejeição dos filhos. Por outro lado, atualmente, não se vê um movimento contínuo que busque recuperar e valorizar essas tradições culturais, nem pela própria comunidade, nem pelo poder público, algo que acaba por legitimar ainda mais essa perda de força e espaço cultural na localidade.

Faz-se necessário recuperar projetos como a capoeira e o telecine (proporcionados há um tempo atrás pela ACOMQST juntamente com a comunidade) e trazer novas ideias para a população. É preciso também haver um movimento mais efetivo da educação, que possa aproximar ainda mais a comunidade, sobretudo, a juventude com a sua história e seus valores, trabalhando nas escolas as questões culturais tradicionais durante todo o ano letivo e não apenas em períodos específicos. Se torna interessante nesse processo utilizar a própria tecnologia a favor, com a criação por exemplo de aplicativos, jogos e até mesmo expandir as divulgações nas redes sociais a fim de disseminar conhecimento para além do próprio lugar.

No geral, entende-se que o objetivo traçado no início deste trabalho foi alcançado, uma vez foram revelados traços de alguns mecanismos que vem colaborando com o enfraquecimento e a perda superficial das tradições culturais de São Tomé. Entretanto, compreende-se que existem outros mecanismos não revelados nesta pesquisa, e que talvez possam emergir se também houver uma perspectiva dos jovens moradores, a fim de entender o outro lado da moeda.

Apesar disso, as reflexões aqui abarcadas abrem possibilidades para outras pesquisas que possam aprofundar ainda mais as discussões. Este trabalho é só uma ponta de um diálogo que se mostra cada vez mais urgente e importante, num mundo em que temas como a velhice, cultura e comunidades tradicionais (como a comunidade quilombola de São Tomé) não podem e nem devem ser mais ignorados.

REFERÊNCIAS

- AIROSA, Silvia Virginia Coutinho; AIROSA, Antonio Luiz. **Envelhecimento e dependência: desafios a serem enfrentados**. Revista Textos & Contextos Porto Alegre v. 7 n. 1 p. 138-150. jan./jun. 2008.
- ALVES, Zélia Mana Mendes Biasoli; SILVA, Maria Helena GF. **Análise qualitativa de dados de entrevista: uma proposta**. Paidéia (Ribeirão Preto), p. 61-69, 1992.
- AMORIM, Carina Cruz do Nascimento de. **Educação profissional e tecnológica quilombola: percursos e trilhas**. Porto Seguro: IFBA, 2021. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/601758> Acesso em: 26 mar. 2022.
- ANJOS, Suelen Gonçalves dos. **Cultura e tradições negras no Mesquita um estudo da matrifocalidade numa comunidade remanescente de quilombo** (2005). 2006. 32 f. Relatório (Graduação) – Programa de Iniciação Científica, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2006.
- ARAGÃO, Fernanda et al. **A Tradição da Benção Em Salvador**. In: XVIII Prêmio Expocom 2011 – Exposição da Pesquisa Experimental em Comunicação, 2011, Salvador. Anais [...] Salvador: UFBA, 2011. Disponível em: <http://intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2011/expocom/EX28-0390-1.pdf> Acesso em: 22 mar. 2022.
- BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada Ave-Maria**, 204^a.ed. São Paulo: Editora Ave-Maria, [1959], 2014, 1632p.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: Lembranças dos velhos/ Ecléa Bosi.**- 3. ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em: <https://www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/2018/09/art-215-216-art-68.pdf> Acesso em: 26 mar. 2022.
- BRASIL. **Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003**. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 20 de novembro de 2003. Disponível em: <https://www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/2018/09/decreto-4887-13.pdf> Acesso em: 26 mar. 2022.
- CAMPO FORMOSO, Prefeitura Municipal de. **Documentos oficiais**. Campo Formoso, 2022. Disponível em: <http://campoformoso.ba.gov.br/cidade/documentos-oficiais.html> Acesso em: 13 mar. 2022.
- CARNEIRO, Edison. **O quilombo dos Palmares**. 2^a ed. São Paulo: Brasiliense, 1958.
- CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. Tradução de Luíz. Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. 3. ed. - Florianópolis: Ed. da UFSC, 2007.

COSTA, Suellen Monteiro da; FREITAS, Silvane Aparecida de. **As representações sociais sobre a velhice**. Interfaces da Educação, v. 1, n. 2, p. 16-27, 2010.

DIEGUES, Antonio Carlos et al. **Biodiversidade e comunidades tradicionais no Brasil**. São Paulo: NUPAUB-USP/PROBIO-MMA/CNPq, 1999. Disponível em: <http://www.livroaberto.ibict.br/bitstream/1/750/2/Biodiversidade%20e%20comunidades%20tradicionais%20no%20Brasil.pdf> Acesso em: 24 abr. 2022.

FARIAS, Marizeth Ferreira de; ALMEIDA, Maria Zeneide Carneiro Magalhães de. As Mulheres do Quilombo Lagoa da Pedra e a Dança Roda de São Gonçalo. **Revista Fragmentos de Cultura-Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas**, v. 26, n. 1, p. 57-65, 2016.

FERNÁNDEZ, Rosario Paniagua. **El proceso de envejecimiento y la intervencion social**. In: RBCEH, Passo Fundo, v. 4, n. 1, p. 57-75, jan./jun. 2007.

FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. **Comunidades quilombolas**. 2022. Disponível em: <https://www.palmares.gov.br/> Acesso em: 14 mar. 2022.

GONZÁLEZ, Diego Sánchez. **La situación de las personas mayores en la ciudad de Granada**: estudio Geográfico. Vol. 1. Granada: Editorial da Universidade de Granada, 2005.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico, 2010**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/campo-formoso/panorama> Acesso em: 11 mar.2022.

KARPF, Anne. **Como envelhecer**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

LEITE, Ilka Boaventura. **Os quilombos no Brasil: questões conceituais e normativas**. Etnográfica, v. 4, n. 2, p. 333-354, 2000.

LIMA, Luana Pereira; NASCIMENTO, Rane Gomes do; FARIAS, Wagner da Silva. **INFLUÊNCIA DA GLOBALIZAÇÃO NOS HÁBITOS CULTURAIS: APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA A PARTIR DA RELAÇÃO TEORIA-PRÁTICA**. Encontro Internacional de Formação de Professores e Fórum Permanente de Inovação Educacional, v. 9, n. 9, 2016.

LOPES, Elisângela Domingues Severo; PAIXÃO, Cassiane de Freitas; SANTOS, Daniela Barsotti. **Os Cansaços e Golpes da Vida”: Os Sentidos do Envelhecimento e Demandas em Saúde entre Idosos do Quilombo Rincão do Couro, Rio Grande do Sul**. Psicologia: Ciência e Profissão, v. 39, 2019.

MAIA, Doralice Sátyro. **A Geografia e o estudo dos costumes e das tradições**. Terra Livre, n. 16, p. 71-98, 2001.

MALCHER, Maria Albenize Farias. **Identidade quilombola e território**. Comunicações do III Fórum Mundial de Teologia e Libertação. Belém, v. 21, p. 399-421, 2009.

MENDES, Andréa Regina Moura. **A malhação do Judas: rito e identidade**. 2007. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de: Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MICHAHELLES, Benita. **Cantigas e Brincadeiras-de-roda na Musicoterapia**. Monografia apresentada ao Curso de Musicoterapia do Conservatório Brasileiro de Música. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <http://www.meloteca.com/wp-content/uploads/2018/11/cantigas-e-brincadeiras-de-roda-na-musicoterapia.pdf>
Acesso em: 22 mar. 2022.

MUNANGA, Kabengele. **Origem e histórico do quilombo na África**. Revista usp, n. 28, p. 56-63, 1996.

NÓBREGA, Pedro Ricardo da Cunha. **Envelhecimento, cotidiano e geografia: algumas reflexões**. In: JMPHC| Journal of Management & Primary Health Care| ISSN 2179-6750, v. 4, n. 2, p. 136-142, 2013.

NÓBREGA, Pedro Ricardo da Cunha. **REVISÃO E APORTES SOBRE A GEOGRAFIA DO ENVELHECIMENTO**. In: Formação (Online), v. 1, n. 24, 2017.

OLIVEIRA, Fernando Henrique Ferreira de. **GEOGRAFIA DO ENVELHECIMENTO: UMA LEITURA A PARTIR DO ESPAÇO, DO TERRITÓRIO E DOS SUJEITOS**. In: Boletim DATALUTA, Presidente Prudente – SP, n. 144 – Artigo do mês: dezembro de 2019. ISSN 2177-4463. Disponível em: <http://www2.fct.unesp.br/nera/artigodomes.php> Acesso em: 25 abr. 2022.

OTONI, Thaísa Clara Ornelas. **Levantamento etnobotânico de plantas utilizadas com fins medicinais e cosméticos em comunidades tradicionais do município de Araçuaí, Minas Gerais**. 2018. 195 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Ciências Farmacêutica, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Diamantina, 2018.

SANTOS, Cleidison Da Silva. *et al.* **Terras Quilombolas: Um abismo entre os certificados e os títulos**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 04, Ed. 07, Vol. 11, pp. 121-147. Julho de 2019. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/wp-content/uploads/2019/08/terras-quilombolas.pdf> . Acesso em: 21 fev. 2022.

SANTOS, Lêda Maria de Souza. **Remanescentes de Quilombo em São Tomé e a relação com a pobreza**. Trabalho monográfico apresentado a Faculdade de Tecnologia e Ciências – FTC. Campo Formoso, 2008.

SANTOS, Maísa Borges da Silva. **ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA QUILOMBOLA DO POVOADO DE SÃO TOMÉ. REFLEXÕES SOBRE O MOVIMENTO NEGRO NO SEMIÁRIDO BRASILEIRO**. Trabalho de conclusão do Curso de Especialização em Educação Contextualizada para a Convivência com o Semiárido Brasileiro. Universidade do Estado da Bahia - UNEB – Campus III/ Juazeiro, 2011.

SCHWARTZ, Stuart B. **Mocambos, quilombos e Palmares: a resistência escrava no Brasil colonial**. Estudos Econômicos (São Paulo), v. 17, n. Especial, p. 61-86, 1987.

SILVA, Giselda Shirley da; SILVA, Vandeir José da. **Quilombos Brasileiros: alguns aspectos da trajetória do negro no Brasil**. Revista Mosaico-Revista de História, v. 7, n. 2, p. 191-200, 2015.

SILVA, Juniele Martins; MENDES, Estevane de Paula Pontes. **Abordagem qualitativa e geografia: pesquisa documental, entrevista e observação**. Pesquisa qualitativa em geografia: reflexões teórico-conceituais e aplicadas. Rio de Janeiro, Eduerj, p. 207-221, 2013.

SUESS, Rodrigo Capelle; LEITE, Cristina Maria Costa. **Geografia e Fenomenologia: uma discussão de teoria e método**. ACTA GEOGRÁFICA, v. 11, n. 27, p. 149-171, 2018.

VELOZ, Maria Cristina Trigueiro; NASCIMENTO- SCHULZE, Célia Maria; CAMARGO, Brigido Vizeu. **Representações sociais do envelhecimento**. Psicologia: reflexões críticas, v. 12, n. 2, p. 479- 501, 1999.